

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU - FURB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA COMUNICAÇÃO – CCHC  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**WILHAM VERNER ZILZ**

**ENTRE PUBLICAÇÕES E DISCURSOS: AS RELAÇÕES SÓCIOAMBIENTAIS  
DA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS (1957-1962 / 1980-1984)**

**BLUMENAU  
2018**

**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA COMUNICAÇÃO  
CURSO DE HISTÓRIA**

**WILHAM VERNER ZILZ**

**ENTRE PUBLICAÇÕES E DISCURSOS: A HISTÓRIA AMBIENTAL NA REVISTA  
BLUMENAU EM CADERNOS (1957-1962 / 1980-1984)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Comunicação da Universidade Regional de Blumenau – FURB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História .

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Friedenreich dos Santos

**BLUMENAU  
2018**

---

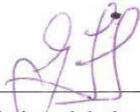
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**WILHAM ZILZ**

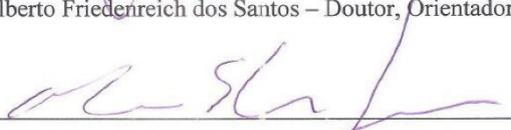
**ENTRE PUBLICAÇÕES E DISCURSOS: A HISTÓRIA AMBIENTAL NA  
REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS (1958- 1962/ 1980-1984)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado para a  
obtenção do grau de Licenciado em História, pela  
Banca examinadora formada por:

Aprovado em: 06/12/2018



\_\_\_\_\_  
Presidente: Prof. Gilberto Friedenreich dos Santos – Doutor, Orientador, FURB.



\_\_\_\_\_  
Membro: Prof. Martin Stabel Garrote – Mestre, FURB.



\_\_\_\_\_  
Membro: Prof. Leonardo Brandão – Doutor, FURB.

*À Dolores Maria Zilz, que nunca mediu esforços para me apoiar nesta jornada.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as formas de vida que me forneceram a energia vital necessária para que esta etapa se concluísse. Sou grato a todos os seres sencientes que contribuíram de alguma forma, conscientes ou não, direta ou indiretamente, para aprimorar meu raso intelecto e me tornar mais rico culturalmente. Aos meus pais, que sempre me apoiaram. Às pessoas incríveis que conheci neste caminho, por proporcionar trocas de experiências espontâneas e informais pelos bancos e corredores que, sem dúvida, já deixam saudades. A todos professores que contribuíram para minha evolução intelectual, especialmente ao professor Dominique Vieira C. dos Santos que encaminhou meus primeiros passos, naturalmente crus e desengonçados, por mostrar e viabilizar alguns caminhos possíveis. Às vivências enriquecedoras através dos 4 anos de Pibid. À oportunidade e às pessoas conhecidas durante o estágio interno na biblioteca universitária. Ao GPHAVI e os colegas de pesquisa pelos estudos realizados e conhecimentos adquiridos. Ao GPEAD pelos valiosos conhecimentos e pesquisas relativos à diversidade, tão necessários para os dias de hoje. À professora Cristina Ferreira, por ter contribuído enormemente para a elaboração deste projeto. Ao professor Gilberto Friedenreich dos Santos pelas correções sempre precisas e necessárias.

*“Queremos servir à história somente à medida que ela sirva à vida”*  
F. Nietzsche

*“[...] se a história não puder servir à vida,  
ela não tem muita utilidade para o homem [...].”*  
Regina H. Duarte

## RESUMO

Diante do desenvolvimento de novas tecnologias e transportes, ocorreu um encurtamento nas distâncias, facilitou o acesso e o aumento da escala produtiva / consumidora. Com essas facilidades a humanidade acompanhou sua população global aumentar exponencialmente, rumando para uma crise ambiental sem precedentes, devido a má utilização dos recursos naturais e à poluição. Após os alertas ambientalistas emitidos em publicações e Conferências Internacionais, novas demandas passaram a ser consideradas para o desenvolvimento das nações. Assim como passou-se a repensar os paradigmas das relações socioambientais. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é analisar as relações socioambientais expressadas em 78 artigos da Revista Blumenau em Cadernos entre os anos de 1957-1962 e 1980-1984. E através de análise comparativa, relacionar as particularidades que circundam as relações socioambientais destes contextos, respectivamente, antes e após a Conferência Ambiental (1972). Através das análises percebeu-se que o meio ambiente passou de plano de fundo e escala de desenvolvimento, para ser reconhecido como sinônimo de qualidade de vida. Notou-se algumas rupturas nas concepções ambientais, como nos sistemas rudimentares de tratamento de resíduos, o combate à comportamentos nocivos à natureza (desmatamento, caça, poluição água/ar); a diminuição da produção e diversidade agrícola. Permitiu conhecer as contribuições do periódico ao publicar os esforços e as tentativas de se conscientizar a população (ações e eventos), que resultaram em Decretos de áreas de Conservação, na proteção das matas ciliares. Evidenciou-se através de parte dos planejamentos e fiscalização para o controle de resíduos e poluição, um aumento na preocupação para se preservar o meio ambiente.

**Palavras Chave:** Blumenau em Cadernos – Meio Ambiente – Relações sócioambientais

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABRASCO- Associação Brasileira de Saúde Coletiva  
ACAPRENA- Associação Catarinense de Preservação da Natureza  
ACARESC – Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina  
BIRD- Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento  
EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
FAEMA- Fundação Municipal do Meio Ambiente  
FAO- Food and Agriculture Organization  
FATMA- Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente  
FMI- Fundo Monetário Internacional  
FURB- Fundação Universidade Regional de Blumenau  
ONG – Organização Não Governamental  
ONU- Organização das Nações Unidas  
SEMA- Secretaria Especial do Meio Ambiente

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1. O ANTROPOCENTRISMO E ECOLOGISMO: DO DESENVOLVIMENTO À BEIRA DO INSUSTENTÁVEL .....</b>	<b>3</b>
1.1 O CONTEXTO GEOPOLÍTICO E O NASCIMENTO DA BLUMENAU EM CADERNOS.....	3
1.2 CONFERÊNCIAS AMBIENTAIS, ECODESENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	12
<b>2 A HISTÓRIA AMBIENTAL E DISCURSOS: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS</b>	<b>19</b>
2.1 O SURGIMENTO DA HISTÓRIA AMBIENTAL E A ANÁLISE DOS DISCURSOS	19
2.2 ADENTRANDO AO VASTO VERDE: REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES SÓCIO AMBIENTAIS NA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS (1957-1962)....	24
<b>3 ENTRE PUBLICAÇÕES E DISCURSOS: AS RELAÇÕES SÓCIO AMBIENTAIS NA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS (1980- 1984)</b>	<b>34</b>
3.1 FUTURO SUSTENTÁVEL À VISTA? ENUNCIADOS AMBIENTAIS PRESENTES NA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS (1980-1984).....	34
3.2 O ANTES E O DEPOIS: AS ÊNFASES DOS DISCURSOS E PERSPECTIVAS AMBIENTAIS.....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento das sociedades no tempo, a concepção antropocêntrica acompanhou o comportamento da sociedade humana nos últimos séculos. Sujeitando a natureza e usufruindo dos recursos naturais pautados numa visão de que eram inesgotáveis. No decorrer do século XX, o consumo desses recursos pela sociedade moderna estaria se acelerando de tal forma, que constitui-se um novo período geológico, conhecido como Antropoceno. Seus principais impactos são a poluição e devastação da natureza, desencadeada pelo avanço tecnológico a partir da Revolução Industrial. No auge deste processo, o fordismo e taylorismo passaram a ditar o ritmo de produção e consumo. Este aumento exponencial, teve reflexos na diversidade da produção de alimentos e possibilitou o crescimento demográfico mundial. O perigo da manipulação de materiais radioativos e metais pesados, somados à poluição urbana, emergiu preocupações que atingiam em cheio o cerne dessa concepção desenvolvimentista. Com isso, um discurso alarmista foi legitimado com o marco ambiental da Conferência de Estocolmo, em 1972. Paulatinamente, a sociedade passou a repensar seus preceitos do desenvolvimento a qualquer custo. Estes seriam os primeiros passos para tentar mudar o destino de futuro de escassez de recursos e conseqüente extinção da humanidade.

Neste contexto, o intento deste trabalho será analisar as concepções socioambientais expressadas na *Revista Blumenau em Cadernos* a partir de artigos inseridos em dois recortes temporais. O primeiro refere-se às edições iniciais (1957) até o ano de 1962. Um período em que seu editor estaria incumbido de publicar antigos documentos referentes à produção da Blumenau enquanto Colônia. O segundo compreende o ano de 1980 a 1984. Estes períodos correspondem, respectivamente, antes e após os marcos ambientais e a formação de iniciativas ambientalistas.

O aporte teórico metodológico será a História Ambiental, sobretudo, a partir dos três níveis de História Ambiental de Donald Worster<sup>1</sup>, articulada com Análise de Discursos identificados em cada recorte temporal. Barros<sup>2</sup> sugere ser a mais rica para o historiador, a partir das análises de seu *intratexto*, *intertexto* e seu *contexto*. Busca-se, com isso, explicar e compreender o desenvolvimento das relações sócioambientais na região de Blumenau, expressadas através deste tradicional veículo de imprensa blumenauense.

---

<sup>1</sup> WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. Tradução de José Augusto Drummond. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991. p. 202.

<sup>2</sup> BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes. 2004. p. 134.

Para isso, foram analisados 34 artigos dos anos de 1957 a 1962, e 44 de 1980 a 1984. Totalizou-se 78 publicações que tratam deste objeto de estudo, e demandaram a leitura individual de 11 tomos (anos) da Revista e serão abordados adiante.

Com isso, serão apresentadas as particularidades que circundam as relações socioambientais nas duas épocas mencionadas, possibilitando incorrer em análises referentes a continuidades e rupturas de relações e problemas ambientais. Assim, buscar-se-á, levantar as relações, preocupações e anseios para salvaguardar os recursos naturais e o meio ambiente. Possibilita-se, desta forma, verificar quais questões tiveram maior destaque entre planejamentos e ações no âmbito preservacionista na região de Blumenau. Constituindo a história professada por Levi, a história de “perguntas gerais e respostas locais”<sup>3</sup>, isto é, respondidas de maneira local, conforme a hermenêutica particular deste lugar, tempo histórico e cultura. Evita-se assim, o problema de forjar uma verdade universal. Neste caso, representada através de propósitos e intenções da Revista para comunicar estes assuntos a seus leitores.

O primeiro capítulo constitui-se de uma apresentação do contexto geopolítico do pós-guerra, seus antecedentes, concepções e as implicações deste conturbado período para o meio ambiente. Procurou-se circundar o âmbito político, econômico e cultural da época do desenvolvimentismo industrial, até culminar nos marcos ambientais e suas preocupações ecológica, e previsões dos limites do crescimento.

No segundo capítulo, são definidos os aportes teórico metodológicos referentes à História Ambiental e Análise de Discursos. Serão abordados os autores e referenciais teóricos, norteadores da pesquisa. Em seguida, é feita a análise das fontes do primeiro recorte temporal e apresentada algumas características percebidas.

A etapa final consiste em analisar, da mesma forma, o segundo período e caracterizar o discurso enunciado. Por fim, com as fontes analisadas, os resultados obtidos serão comparados, possibilitando verificar a relação entre os mesmos. Desta forma, a Análise dos Discursos empregada em conjunto da História Ambiental possibilitou mapear os interesses da *Revista Blumenau em Cadernos* com relação ao meio ambiente. Através de publicações que constituem meios para divulgação das principais ações e planejamentos concernentes à preservação do meio ambiente. Por fim, tal análise permite uma aproximação aos debates e registros referentes à questões socioambientais da região, bem como, relacionar alguns destes comportamentos e posturas diante do contexto ambiental geopolítico da atualidade.

---

<sup>3</sup> LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**, v.20. 2014. p. 1.

## 1. O ANTROPOCENTRISMO E ECOLOGISMO: DO DESENVOLVIMENTO À BEIRA DO INSUSTENTÁVEL

Nesta etapa inicial, aborda-se a questão do desenvolvimento das sociedades a partir da revolução industrial, bem como, se discorre sobre o conceito de desenvolvimento. Para isso, remete-se a um breve histórico da sociedade moderna, até culminar no período de crise ambiental, ocasionado no pós-guerra. Isto é, as tecnologias impulsionando a produção de alimentos através do remanejamento do aparato químico herdado da guerra, voltado para a agricultura. Com o aumento da população, ocorreu também maiores demandas por recursos que eram, até então, vistos como infinitos. Este período Antropoceno e suas consequências será mais detalhado no decorrer do do capítulo. Uma reação à esse contexto de devastação ambiental, estudiosos e ambientalistas passam a estudar o contexto da época, resultando na Conferência de Estocolmo (1972), reconhecida como um marco ambiental para se repensar a relação com a natureza.

### 1.1 O CONTEXTO GEOPOLÍTICO E O NASCIMENTO DA BLUMENAU EM CADERNOS

Sob a égide do termo *desenvolvimento*, que na antiguidade, em latim, *in – volvere*, tinha o sentido de “fazer girar, rodar”<sup>4</sup>, repousa atualmente o sucesso de poucos indivíduos em detrimento da maioria que não obteve tal êxito. Na última parte do século XVIII, com as Ciências Econômicas, Adam Smith <sup>5</sup> relaciona o conceito com desenvolvimentismo econômico. No campo da biologia, em *A origem das espécies* (1859), Charles Darwin utilizou-o para compor sua teoria da evolução das espécies, na qual as espécies mais adaptadas desenvolveram-se mais diante de outras. Este conceito das Ciências Naturais, a partir do século XIX, seria apropriado e difundido entre os pensadores iluministas para estratificar as raças tendo como perspectiva, unicamente suas culturas e valores. Tais pensamentos seriam utilizados pelas nações imperialistas, no âmbito social, para legitimar sua superioridade que era evidenciada a partir de sua cultura (o renascimento greco-romano), sua religião, suas leis, e pelas tecnologias oriundas da modernidade industrial. Desta forma, seguiu promovendo monopólios comerciais através da exploração de outras nações consideradas “inferiores”.

Outras raças eram “inferiores” porque representavam um estágio anterior da evolução biológica ou da evolução sócio-cultural, ou então de ambas. E esta inferioridade era comprovada porque, de fato, a “raça superior” era superior pelo critério de sua própria

<sup>4</sup> AZEVEDO, Nair Rios. **Atmosfera moral da escola**: a promoção do desenvolvimento ético. Rio de Janeiro: e-papers. 2010. p. 140.

<sup>5</sup> SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Trad. Alexandre Amaral Rodrigues e Eunice Ostrensky, São Paulo: Martins Fontes, 1a ed., 2003.

superioridade: tecnologicamente mais avançada, militarmente mais poderosa, mais rica e mais “bem-sucedida”<sup>6</sup>.

Tal fenômeno foi reconhecido como darwinismo social, e resultou na “dominação” econômica, política e cultural de nações subdesenvolvidas, pelos “mais aptos”<sup>7</sup>. Com isso, os continentes africano e asiático, que sofreram exploração dos países europeus, passaram por uma incipiente “ocidentalização” rumo ao desenvolvimento. Influenciados pela cultura e padrões ocidentais, em detrimento da diversidade cultural e de costumes presentes nas demais regiões colonizadas, vistas como sinônimos de atraso e barbárie.

Nessa disputa entre as nações desenvolvidas por novas fontes de riqueza através da exploração comercial, as potências imperialistas deflagraram a Primeira Guerra Mundial, resultando em milhões de mortes<sup>8</sup>. Com o desfecho desta, ocorre uma segunda onda motivada pelo sentimento derrotista, desencadeando as iniciativas nazifascistas, que novamente embasaram-se na superioridade racial para legitimar sua expansão e dominação sobre minorias étnicas, com horrores ainda maiores.

Com o fim dos conflitos mundiais deflagrados até 1945, uma nova ordem mundial e geopolítica passou a se configurar e dividir o mundo em dois blocos antagônicos. Delineando, assim, o cenário para as décadas do que ficou conhecido por Guerra Fria. A polarização entre capitalistas e comunistas fizeram com que muitos países fossem cultural e politicamente influenciados, quando não raro, sofressem intervenção direta em suas políticas internas, "Os acordos realizados em muitas ocasiões não significaram, porém, apenas a proteção mútua, mas também justificaram a intervenção americana ou soviética nas questões internas dos países membros."<sup>9</sup>. A partir de então, cada vez mais, a ocidentalização econômica e cultural passou a se estabelecer e ditar os rumos da homogeneização dos países em detrimento das diversidades locais. Numa tentativa assimilacionista de promover o desenvolvimento no mundo, “recuperar-se da guerra era a prioridade esmagadora dos países europeus e do Japão, e nos primeiros anos depois de 1945 eles mediram seu sucesso tomando como base o quanto se haviam aproximado de um objetivo estabelecido em referência ao passado, não ao futuro.”<sup>10</sup>. Pautada, sobretudo, em benefícios materiais do crescimento. Impulsionados pelos novos meios de comunicação em massa e instigados pelas propagandas que, mais do que nunca, atingiam um número cada vez mais expressivo de consumidores.

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital: 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 3 ed. 1982. p. 272.

<sup>7</sup> WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 117.

<sup>8</sup> Cf. HOBBSAWM, 1995, p. 34.

<sup>9</sup> HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. 1995. p. 254.

<sup>10</sup> Ibid.

Com isso, os Estados Unidos passaram a tornar-se um grande financiador, patrocinando "tratados multilaterais, destinados a garantir a estabilidade dos mercados e a reduzir práticas protecionistas e barreiras alfandegárias"<sup>11</sup>, consolidando assim, através das décadas seguintes de reconstrução, sua hegemonia através do modelo *american way of life*.

Esse processo ocorreu a partir da reunião dos aliados diante da derrota iminente dos alemães e o final da II Grande Guerra. Assim, 44 nações se reuniram na cidade britânica de Bretton Woods, definindo as bases da retomada econômica internacional. Passou-se a instituir também, as regras para as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo<sup>12</sup>. Novas instituições foram criadas, como o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD), o atual Banco Mundial, e o Fundo Monetário Internacional (FMI), e posteriormente, com o fim do conflito, a Organização das Nações Unidas (ONU).

Acerca desse período de pós guerras e reconstrução, Raquel Reis discorre sobre a feição do desenvolvimento. Destacam-se as características da ocidentalização, agregando ao conceito o significado de “transição”, isto é, o pensamento imperialista presente nas nações desenvolvidas “se manifestou através da imposição do modelo econômico das mesmas, às outras nações”<sup>13</sup>. Diante da polarização do mundo entre capitalistas e comunistas, ocorreu nos países ocidentais, um certo alinhamento das políticas internas com estas instituições globais. Estipulando o desenvolvimento das nações a partir de critérios materialistas, instituídos culturalmente. Pautados na economia, poder de compra e “benefícios materiais de crescimento”<sup>14</sup>, em detrimento de outras esferas.

A partir daí, a humanidade passou a repensar suas concepções de desenvolvimento. Surgiram, assim, outros vieses de desenvolvimento, como o ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável, incluindo novos critérios e preocupações. Outra lacuna fora observada, resultando no mais recente Índice de Desenvolvimento Humano, pautado em indicadores socioeconômicos como a renda, esperança média de vida e a alfabetização. Sendo utilizado pela ONU, desde 1993, para estabelecer os níveis de "avanço" dos países. Além destes novos indicadores, outros ainda podem ser incluídos para determinar o desenvolvimento, como, por exemplo, os posteriormente registrados por Ignacy Sachs, que incluiria as “[...] dimensões ética, política, social, ecológica, econômica, cultural e territorial,

<sup>11</sup> SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo : Companhia das Letras, 2001. p. 25.

<sup>12</sup> GASPAR, Ricardo C. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, v. 17, n. 33. pp. 265-296., maio 2015. p. 267.

<sup>13</sup> REIS, Raquel. **Descolonizar e Desenvolver**: leituras e olhares a partir de uma perspectiva intercultural [dissertação]. Blumenau. FURB-PPGDR. 2010. p. 40.

<sup>14</sup> HOBBSAWN, Eric J. **A era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995. p. 254.

todas elas sistematicamente interrelacionadas e formando um todo”<sup>15</sup>. Devido à redundância dos adjetivos que foram somados ao conceito de desenvolvimento, o autor sugeriu o desenvolvimento integral, englobando outros vieses, até então sem visibilidade. Diante da dimensão e variações que o conceito pode adquirir, pode-se aferir que este possui diferentes concepções, conforme as diferenças culturais assim o concebem.

Apesar dos danos e perdas promovidas por todos os lados no conflito, vários avanços tecnológicos surgiram motivados pela necessidade de superar as adversidades do momento. Exemplos como computadores, internet, microondas, aeronaves, e uma infinidade de produtos industrializados e químicos foram desenvolvidos graças ao impulso urgente de criações tecnológicas em tempos de Guerra. Conforme Sevckenko, "Foi nessas condições que se desenvolveram por exemplo, os radares, a propulsão a jato, novas famílias de plásticos, polímeros e cadeias orgânicas, a energia nuclear e a cibernética."<sup>16</sup>, intervindo no dia a dia da população, para além da esfera militar, modernizando seus lares e cotidiano.

Em conjunto à esta modernização, uma forma sutil de dominação e imposição cultural começou a ser exercida pelos americanos. Passou-se a ofertar produtos eletrônicos para os lares, alimentos industriais processados, roupas de marcas americanas, além de uma série de itens que baseavam-se na produção através de polímeros que tinham o petróleo, entre outros minerais como base de suas matérias primas. Além da esfera do consumo de produtos, os programas de TV e rádio, assim como as produções cinematográficas e fonográficas estavam cada vez mais populares. Promoveu-se, assim, conforme Sevckenko, a fetichização das mercadorias e do consumo.

A força de sedução das novas técnicas publicitárias explorou até os limites as técnicas comunicacionais, intensificando sua capacidade de gerar apelos sensuais e sensoriais, associados a fantasias que envolvem desejos de poder, posse, preponderância, energia, vitalidade, saúde, beleza e juventude eterna.<sup>17</sup>

Todos esses itens eram concebidos como novidades advindas dos “países de primeiro mundo” que chegavam para tornar a vida das pessoas comuns mais práticas, confortáveis e modernas àqueles que pudessem pagar seu preço. Essas seriam as bases de uma cultura dos “fast-foods”, da industrialização de produtos e alimentos, além de tecnologias do entretenimento, entre outras de obsolescência programada.

Este foi um movimento que acompanhou a dinâmica e teve influência no Brasil. Desde os anos 30, com as políticas de Vargas, o nacionalismo protecionista econômico do Estado traria um avanço significativo para a indústria brasileira. Através da “substituição de importações”, após a crise de 1929, e a queda dos preços dos produtos primários brasileiros, tal

<sup>15</sup> SACHS, Ignacy. Desenvolvimento numa economia mundial liberalizada e globalizante: um desafio impossível? **Estudos Avançados**. n. 11. 1997. p. 215-216.

<sup>16</sup> SEVCENKO, 2001, p. 25.

<sup>17</sup> SEVCENKO, 2001, p. 47.

mobilização explicaria os “altos índices da indústria no período”<sup>18</sup>. Assim, o Estado passou a intervir na economia, regulando a acumulação de capital e investindo nos setores básico com empresas nacionais, com a criação de grandes complexos empresariais como a Petrobrás, Eletrobrás e Vale do Rio Doce. Esta seria a forma de modernizar a sociedade da época, que era vista como estagnada e atrasada. Por possuir ainda características herdadas do período escravagista.

A industrialização realizada durante os anos 50 trouxe consigo a modernização do Brasil. Modernização dos homens, tornando-os cada vez mais urbanos. Modernização de seus pensamentos e hábitos, tornando-os consumistas. Modernização do modo de vida, das cidades, da arquitetura, das artes, da técnica, da ciência. A partir da segunda metade da década, a expansão industrial passou a se refletir na estrutura populacional. Em 1950, 36% dos brasileiros viviam nas cidades.<sup>19</sup>

O Brasil, alinhado com as políticas econômicas americanas, entre 1956 e 1960, sob o governo de Juscelino Kubitschek e seu Plano de Metas impulsionou ainda mais o desenvolvimento industrial. Nesse sentido, os dados demográficos do IBGE apresentados por Angela Gomes<sup>13</sup>, durante a década de 1950, são mais um indicador de que o Brasil vinha imprimindo um ritmo de crescimento demográfico "acelerado, acima da média europeia", marcando 3% ao ano, e em 1960 com “51.151.629 habitantes”<sup>20</sup>.

A urbanização dos grandes centros provocou simultaneamente a mudança física das cidades, alterações nos comportamentos e hábitos das pessoas que vivenciavam essas mudanças. Entre as camadas mais abastadas da população urbana, “assiste-se a uma padronização do consumo provocada pela expansão da propaganda”<sup>21</sup>, instrumento básico para a ampliação do comércio, produção e consumo. Mais do que nunca, acompanhar estas novidades da praticidade dos produtos modernos, dos meios de transporte mais ágeis e confortáveis, das novas mídias de comunicação, imprensa e entretenimento significavam a superação do atraso de uma nação de características coloniais.

Desta forma, não somente no Brasil, mas em todos os países que estavam passando por esta fase transitória de reconstrução do pós-guerra, tiveram feições semelhantes. Fruto da ocidentalização norte-americana, “O *american way of life* era de todas as formas oferecido como modelo de modernidade e progresso, e utilizado como estímulo para o consumo dos produtos que o simbolizavam”<sup>22</sup>. Com isso, novas tendências de produção e consumo pautaram os critérios de desenvolvimento pelos quais passou-se a adquirir conotações de uma modernização incessante, com o desenvolvimento de novos produtos, meios de comunicação e

<sup>18</sup> FONSECA, P. C. D. **A revolução de 1930 e a economia brasileira**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 9, Curitiba, 2011b. p. 9.

<sup>19</sup> GOMES, Angela. **Olhando para dentro: 1930-1964**, vol. 4. Rio de Janeiro : Objetiva. 2013. p. 27.

<sup>20</sup> GOMES, Op. cit., p. 51.

<sup>21</sup> RODRIGUES, 2010, p. 30.

<sup>22</sup> ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. 8.ed.São Paulo : Moderna, 1991. p. 42.

todos os tipos de tecnologia. A exemplo das empresas americanas “as quais ditam o que é novidade, o que é tecnologicamente avançado”<sup>23</sup>, fomentando assim, o desejo e a busca pelo mais moderno e tecnológico, que nunca seria alcançado, visto que as novidades polulavam a todo momento por todos os setores, cotidianamente.

Ou seja: o mundo industrializado e capitalista era apresentado como uma finalidade não apenas desejada mas, principalmente, era o único modelo que realmente válido de organização da sociedade. Aquele único mundo possível e cabia às nações subdesenvolvidas esforçarem-se para sair de sua pobreza e afirmar-se numa nova ordem apresentada como o único mundo possível.<sup>24</sup>

Acompanhando essa tendência de industrialização e urbanização das grandes metrópoles, Blumenau que já havia se tornado uma cidade de referência regional nas décadas de 1920 e 1930, continuava num ritmo de crescimento considerável. Este desenvolvimento industrial deveu-se à expansão das indústrias, que impulsionaram o desenvolvimento regional<sup>25</sup>. Neste período, ocorreu a "descaracterização do Vale do Itajaí como uma área essencialmente agrícola"<sup>26</sup>, enquanto a antiga colônia "fez-se cidade [...] cresceu e transformou-se em centro industrial e na segunda metade do século XX, expandiu-se e consolidou-se como pólo regional"<sup>27</sup>. Assim, constituiu-se as malhas urbanas atuais.

Conforme Caresia<sup>28</sup>, durante o governo estado-novista, Vargas procurou "ligar" Blumenau com o estado e país, melhorando suas vias de acesso e abastecimento, que provocou uma maior oferta de produtos oriundos dos Estados Unidos. Com isso, passou-se a "alterar hábitos e costumes da época", acompanhado em mudanças físicas na estrutura da cidade, com "construção de pontes, rodovias, ferrovias, aeroportos e telefonia"<sup>29</sup>. Estas seriam modificações que acompanhariam o inchaço urbano, ocasionado, sobretudo, pelas empresas e sua demanda por mão de obra.

A "abertura" de Blumenau à migração interna, transformou a colônia alemã, sua população e seus costumes. Em conjunto com esses fatores de transformação física de Blumenau, Siebert<sup>30</sup> registra que a imagem de Blumenau "tipicamente alemã" é "sufocada" pelo processo de nacionalização e "diluída" com os fluxos migratórios internos. Marly Rodrigues, aponta ainda como essas mudanças acentuaram-se no Brasil, algumas destas

<sup>23</sup> CARESIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina, Mery, Frotscher (Org.) **Visões do Vale**. Blumenau: Nova Letra, 2000. p. 183.

<sup>24</sup> DUARTE, Regina H. **História & natureza**. Belo Horizonte. Autêntica, 2015. p. 16.

<sup>25</sup> THEIS, Ivo M.; ZENI, Gerson A. Manus manum lavat? Dilemas do desenvolvimento do médio vale do Itajaí. In: THEIS, Ivo M.; MATTEDI, Marcos A; TOMIO, Fabrício R. L. (orgs.) **Novos olhares sobre Blumenau**: Contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente. Blumenau: Edifurb, 2000. p. 25.

<sup>26</sup> SANTOS, Manoel Pereira Rego Teixeira dos. **O imigrante e a Floresta** [tese]: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí-SC. Florianópolis, 2011. p. 142.

<sup>27</sup> SIEBERT, Cláudia. Blumenau fim de século: o (des)controle urbanístico e a exclusão sócio-espacial. In: THEIS, Ivo M.; MATTEDI, Marcos A; TOMIO, Fabrício R. L., **Nosso passado (In)Comum**, p. 282.

<sup>28</sup> CARESIA, 2000, p. 177.

<sup>29</sup> Ibid., p. 177.

<sup>30</sup> SIEBERT, Op. Cit., p. 283.

características da sociedade moderna, intensificando o ritmo de produção, trabalho, consumo e comunicação.

A quantidade e a variedade dos bens produzidos, cada vez mais, exigiam a expansão dos mercados e do consumo. Os meios de comunicação de massa são explorados ao máximo. Jornais, revistas, TV, cinema, cartazes, outdoors impregnam o dia a dia, vendendo produtos, estabelecendo comportamentos, divulgando uma cultura.<sup>31</sup>

Em conjunto a este processo de modernização, a imprensa veio a ser um setor que modernizou-se, nesse conjunto nasceu a *Revista Blumenau em Cadernos*, um periódico de motivação local / regional de seu mentor José Ferreira da Silva (1897-1973), jornalista e historiador diletante. Conforme Silva<sup>32</sup>, após a perda de documentos oficiais no incêndio à antiga prefeitura de Blumenau (1958), Ferreira da Silva passou a dedicar-se a publicar sua documentação remanescente do Arquivo, então extraviada. Portanto, as primeiras edições da Revista, voltadas para a história da cidade, buscam enaltecer o progresso e a superação dos imigrantes perante às adversidades naturais.

O período do pós-guerra no Vale do Itajaí ainda reverberava os resultados de políticas nacionalistas do Estado Novo, sobretudo nos habitantes ítalo-germânicos, que tiveram parte de sua cultura censurada, como veículos de comunicação, idioma, educação. Conforme Schmitt, a cidade de Blumenau, foi uma das mais afetadas com esta política nacionalista nas décadas de 1930 e 1940, visando forjar uma identidade brasileira coesa. Neste período, segundo Schmitt (2011), "A *Revista Blumenau em Cadernos* preencheu a lacuna praticamente vazia na historiografia do Vale do Itajaí"<sup>33</sup>. Nesse sentido, Ferreira e Petry (1996) ainda afirmam sobre o período de invisibilidade da historiografia da colonização do Vale do Itajaí. Diante da exígua historiografia local, "Artigos referentes à História de Blumenau pouco existiam em revistas estaduais. Isto nos sugere que Blumenau parecia excluída da História Catarinense, em função de sua colonização alemã."<sup>34</sup>. Tal processo promoveu a preferência historiográfica estadual pela cultura açoriana<sup>35</sup>, em detrimento das demais nacionalidades presentes no estado. Desta forma, a *Revista Blumenau em Cadernos* assumiu um lugar de destaque, ao promover a historiografia do Vale do Itajaí, que até então havia sido silenciada.

Portanto, a Revista é fruto desta época de modernidade e desenvolvimento em Blumenau. Conforme Vidor, as políticas de incentivo à industrialização, assim como no Brasil,

<sup>31</sup> RODRIGUES, 2010, p. 13.

<sup>32</sup> SILVA, Carla F. **Grafias da Luz**: A Narrativa Visual sobre a cidade na Revista Blumenau em Cadernos [dissertação]. Florianópolis: UFSC. 2008. p. 36.

<sup>33</sup> SCHMITT, 2011, p. 23.

<sup>34</sup> FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **José Ferreira da Silva**: centenário de nascimento. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 1996. p. 14.

<sup>35</sup> SCHMITT, 2011, p. 45.

foram concebidas para “atrair a população do campo à cidade”<sup>36</sup>, ocasionando situações de aumento na população urbana de cidades industriais. Para a sorte dos blumenauenses, já não dependiam unicamente de seus solos exauridos, a cidade já contava com certa diversidade na indústria, com destaque para o ramo têxtil. Conforme apontado por Cristina Ferreira ao tratar da indústria blumenauense, “classificada como o décimo polo têxtil nacional, desdobrada em sexto produtor de tecidos de algodão, terceiro produtor de fio de algodão; primeiro em artigos felpudos”<sup>37</sup>. Tais ofertas de empregos engendraram um processo de crescimento repentino, possibilitando alternativas ao então estagnado mercado agrícola que vinha perdendo força em virtude de “esgotamento dos solos” e seu “isolamento frente a outros pólos econômicos”<sup>38</sup>.

Em 1955, a cidade blumenauense já contava com “48.600 habitantes”, e possuía características “verdadeiramente urbanas”<sup>39</sup>, compondo expressões criadas sobre a cidade e de sua realidade urbana, como “padrão de Primeiro Mundo”, a “cidade-jardim” e a “cidade-trabalho”<sup>40</sup>. A consolidação desta imagem, fez com que Blumenau atingisse um certo grau de desenvolvimento industrial e status capaz de ser vista como modelo. Posteriormente, este cenário é percebido por Mamigonian<sup>41</sup>, que mostra como a indústria têxtil de Blumenau se impôs no início do século, nos mercados do eixo Rio-São Paulo. Já no período de 1960 a 1970, conforme Theis e Zeni, houve uma “aceleração no processo de acumulação de capital na região”<sup>42</sup>, favorecida pelo seu crescimento e conseqüente demanda por mão de obra.

A cidade de Blumenau, acompanhando este movimento industriário das grandes metrópoles brasileiras da época, destacava-se por suas indústrias pujantes que acompanhavam a modernidade que estava em curso <sup>43</sup>. A partir do fim da década de 1950, o êxito desenvolvimentista industrial era um forte indicador de progresso em comparação sobre a selvageria existente há 100 anos. Comprovado pela sua população ascendente, que somava quase 70.000 habitantes em 1960<sup>44</sup>. Tal crescimento modificou a feição da cidade a partir da

<sup>36</sup> VIDOR, Vilmar. **Indústria e urbanização no nordeste de Santa Catarina**. Blumenau: ed. da FURB, 1995, p.168.

<sup>37</sup> FERREIRA, Cristina. **Nas malhas da história: sociabilidade e política no cotidiano dos trabalhadores têxteis de blumenau (1958-1968)** [tese]. Campinas, SP. 2015. p.2.

<sup>38</sup> MATTEDI, Marcos A. Subsídios para a Análise da relações sociedade-natureza no Vale do Itajaí. In: THEIS; MATTEDI; TOMIO, 2000. p. 233.

<sup>39</sup> SIEBERT, Cláudia. A evolução urbana de Blumenau a cidade se forma (1850-1938). In: THEIS; MATTEDI; TOMIO, Op. cit., p. 209.

<sup>40</sup> HILLESHEIM, Jaime. As lutas pela participação na gestão da cidade: uma leitura a partir das associações de moradores de Blumenau. In: THEIS; MATTEDI; TOMIO, Op. cit., p. 163.

<sup>41</sup> MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE/CNG, n. 3, v. 27, 389-481, jul/set, 1965. p. 457.

<sup>42</sup> THEIS; ZENI. Manus manum lavat? Dilemas do desenvolvimento do médio vale do Itajaí. In: THEIS; MATTEDI; TOMIO, **Novos olhares sobre Blumenau: Contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente**. Blumenau : Edifurb, 2000. 400p.

<sup>43</sup> Cf. CARESIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (orgs.). **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recebentes**. Blumenau : Nova Letra, 2000. p. 169.

<sup>44</sup> MAMIGONIAN, 1965. p. 457.

década de 1940<sup>45</sup>, passando de mera produtora agrícola à polo industrial do estado catarinense.

Seria nesse contexto de ocidentalização, prosperidade e desenvolvimentismo econômico industrial materialista burguês, que nasceria a *Revista Blumenau em Cadernos*. Como parte do pacote de modernização que se instaurara na cidade, juntamente de outros meios de comunicação, produção e consumo.

Entretanto, neste quadro desenvolvimentista, o cenário direcionava-se para um futuro de degradação ambiental ainda maior. Aí reside a importância em se perceber as relações entre sociedade e meio ambiente, em quais foram, se é que houveram, preocupações para mitigar os impactos ambientais diante da expansão urbana e industrial vigente na cidade. E como o contexto desta época refletiu nas publicações da *Revista Blumenau em Cadernos*.

Referente à relação ao uso da natureza, verifica-se a “[...] redução da cobertura vegetal promovida pelo sistema de rotação de terras da agricultura [...]”, que após seu declínio, por volta de 1940 <sup>46</sup>, abriu-se caminho para uma "segunda etapa exploratória" através da “exploração dos recursos florestais”, para o comércio, e fins energéticos nas indústrias dos ramos têxtil e cerâmico<sup>47</sup>. Além disso, o desgaste provocado sobre os “solos desprotegidos da vegetação natural” em função do relevo da região, que teve como consequência “a erosão, como crescente assoreamento dos rios.” <sup>48</sup>. Através destes registros nota-se o uso indiscriminado do meio ambiente em prol do desenvolvimento. Consequentemente, sobrecarregou a capacidade regenerativa do ambiente natural, devido às formas irregulares de ocupação do espaço geográfico e má gestão dos recursos naturais.

Entretanto, é preciso destacar que esta não é uma particularidade desta região. Neste meio tempo, desde o estabelecimento de colonos em áreas florestais, conforme registra Nodari, “alterou drasticamente a paisagem de toda a região”<sup>49</sup>, devastando em largas escalas para forjar o progresso das cidades. Pautados, sobretudo, nos modelos éticos antropocêntricos vigentes. Nos registros de Waibel, constata-se que o plantio sem critérios de conservação do solo, na qual praticou-se a coivara desmedida, "mostram claros sinais de estagnação ou decadência devido ao empobrecimento do solo"<sup>50</sup> após algumas décadas de seu uso extensivo, quando não

<sup>45</sup> Cf. SANTOS, Manoel P. R. T. dos. **O imigrante e a Floresta**: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí-SC. Florianópolis. 2011. p. 142.

<sup>46</sup> MATTEDI, Marcos A. Subsídios para a Análise da relações sociedade-natureza no Vale do Itajaí. In: THEIS, Ivo M; MATTEDI, Macos A.; TOMIO, Fabricio R. L. (orgs.) **Nosso passado (In)Comum**: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau. Blumenau : Edifurb : Ed. Cultura em Movimento, 2000. p. 233.

<sup>47</sup> MATTEDI, Marcos A. A formação de políticas públicas em Blumenau o caso do problema das enchentes. In: THEIS; MATTEDI; TOMIO, **Novos olhares sobre Blumenau**, 2000., p. 206.

<sup>48</sup> Ibid., p. 207.

<sup>49</sup> NODARI. Eunice Sueli. As florestas do sul do Brasil: entre discursos de preservação e ações de devastação. In: FRANCO. José L. A. (org) **História Ambiental**: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Garamond. 2015. p. 241.

<sup>50</sup> WAIBEL, Leo. Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Ano XI, nº2. 1949. p.181-183.

raro, resultava em novas ondas migratórias internas.

Numa outra oportunidade, Mattedi <sup>51</sup> percebe como as visões de natureza foram alterando-se conforme as conveniências herdadas desse modelo antropocêntrico ocidental. O autor destaca ainda, ao analisar as matrizes analíticas do desenvolvimento de Blumenau, e a ignorância acerca dos impactos ambientais durante o processo de desenvolvimento. Pois considerava-se, conceitualmente, “sociedade e natureza como entidades que se opõem mutuamente”<sup>52</sup>. Corrobora assim, com a concepção de que o progresso seria contraponto e superação da natureza selvagem. Com isso, verifica-se que as questões ambientais estiveram a parte dos projetos e planejamentos de desenvolvimento, até o momento em que os impactos se tornaram cada vez mais evidentes, como em situações de enchentes, enxurradas e deslizamentos cada vez mais recorrentes.

Até este momento, o desenvolvimento seria idealizado pelas nações, sobretudo, ocidentais, como objetivo a ser alcançado. Pautado nesses preceitos, houve uma corrida incessante pelo aumento nos dados quantitativos e materialistas. Sem planejamento a longo prazo acerca do manejo dos recursos renováveis, conservação da biodiversidade, além do controle sob contaminação por metais pesados e elementos radioativos no meio ambiente. Até o momento em que percebeu-se que não seria possível continuar com esse ritmo exponencial de crescimento e uso indiscriminado dos recursos naturais por muito tempo.

## 1.2 Conferências ambientais, Ecodesenvolvimento e Desenvolvimento sustentável.

O modelo antropocêntrico de desenvolvimento vigente almejava controlar e aproveitar-se do meio ambiente, assim como de suas matérias primas, impondo a condição de “senhorio sobre a natureza”<sup>53</sup>. Estaria em pauta construções de megacidades, devastação de habitats e extinção de espécies da fauna em prol do desenvolvimento e modernização da sociedade. Desta forma, com o pós-guerra o antropocentrismo estaria em sua fase mais promissora, visto o sucesso e a capacidade de manipulação da natureza.

Assim como nosso modelo econômico de desenvolvimento modificou e aperfeiçoou em muitos aspectos a relação do ser humano com o seu meio ambiente, também provocou transformações dramáticas no meio natural. Convivemos atualmente com problemas ambientais de diferentes características e magnitudes, tais como: poluição das águas; poluição da atmosfera; degradação de florestas; danos à camada de ozônio; aquecimento global; erosão dos solos; desertificação; deterioração dos habitats das espécies; perda da biodiversidade; acúmulo de lixo tóxico; entre outros problemas.<sup>54</sup>

<sup>51</sup> MATTEDI, Marcos A. Notas sobre as visões de natureza em Blumenau. **Revista de estudos ambientais, Blumenau**, v.3, n.1, 29-39. jan/abr, 2001.

<sup>52</sup> MATTEDI, Marcos A. Subsídios para a Análise da relações sociedade-natureza no Vale do Itajaí. *In*: THEIS; MATTEDI; TOMIO, Op. cit, p. 217.

<sup>53</sup> FERREIRA, Rodrigo de Souza. **Capitalismo, ciência e natureza**: do ideário iluminista do progresso à crise ambiental contemporânea. [tese]. Viçosa. 2016, p. 102.

<sup>54</sup> CAMARGO, Ana Luiza de B. **As dimensões e os desafios do desenvolvimento sustentável**: concepções,

As tecnologias impulsionaram a modernização a partir do pós Guerra em várias esferas científicas. Desenvolveu-se armamentos químicos letais, vacinas que asseguravam de doenças mortais, a engenharia genética que tornava plantas mais resistentes às pragas, métodos contraceptivos, etc. Além disso, iniciou-se a manipulação de elementos químicos nocivos ao meio ambiente e à vida humana, ocasionando diversos casos de poluição por metais pesados e materiais radioativos, resultando em casos de chuva ácida resultantes do acúmulo de “óxido de nitrogênio”, “dióxidos de enxofre” e excesso de gás carbônico na atmosfera, afetando a camada de ozônio e atmosfera <sup>55</sup>. Sem levar em conta a produção de armamentos com capacidade suficiente para explodir o planeta inteiro.

A medida que o tempo passava, mais e mais coisas podiam dar errado, política e tecnologicamente, num confronto nuclear permanente baseado na suposição de que só o medo da “destruição mutual inevitável” impediria um lado ou outro de dar o sempre pronto sinal para o planejado suicídio da civilização. Não aconteceu, mas por cerca de quarenta anos pareceu uma possibilidade diária.<sup>56</sup>

Afora o temor de uma hecatombe nuclear, a tecnologia permitiu a “conquista” e disputa pelo espaço sideral. Levou o homem a superar a lei natural da gravidade e a pressão de altitudes extratossféricas, expandindo os domínios humanos para lugares impensáveis. A humanidade estava superando todos os limites naturais possíveis e levando a cabo os preceitos antropocêntricos ditados no livro do Gênesis 1: 28: “Frutificai, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a”. Possivelmente, esta foi uma das premissas que guiou o comportamento humano até o presente. Esta frase coloca-se um tanto fora do contexto atual de 7,5 bilhões de pessoas agrupadas.

As afirmações científicas de Kepler, Copérnico, Darwin, entre outros, causaram instabilidade no poder eclesiástico. As evidências passíveis de comprovação e a razão racionalista passaram a ter maior peso perante crenças, esoterismos e a fé. Entretanto, apesar de modificar os valores da sociedade de sua época, entre fé e razão, os pensadores iluministas, como René Descartes<sup>57</sup>, Immanuel Kant<sup>58</sup>, George Hegel, John Locke<sup>59</sup>, entre outros, ainda mantinham uma perspectiva antropocêntrica. Sustentando, desta forma, concepção de que o ser humano deveria “dominar a natureza para alcançar o progresso e a felicidade” <sup>60</sup>. Deste modo, aquilo que estivesse em seu estado natural, estaria apartado e aquém do progresso da

---

entraves e implicações à sociedade humana [dissertação]. UFSC. 2002. p. 24.

<sup>55</sup> DUARTE, 2005 p. 23.

<sup>56</sup> HOBBSAWN, 1995, p. 224.

<sup>57</sup> DESCARTES, René. Discurso do método. Tradução J. Guinburg e Bento Prado Jr. In: CIVITA, Victor (ed.). **Os pensadores**: Descartes. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 71.

<sup>58</sup> PESSOA, Flávia Moreira Guimarães ; BARRETO, P. C. . Éticas Ambientais, sustentabilidade e o direito do meio ambiente. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFBA**. v. 25. p. 217-243, 2015. p. 220.

<sup>59</sup> LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Trad. Eduardo A. de Soveral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1999, p. 21.

<sup>60</sup> PESSOA; BARRETO, Op. Cit., p. 221.

civilização.

Este pensamento levado a cabo, teve como consequência a produção e utilização dos recursos naturais de forma desmedida em busca do progresso e desenvolvimento a qualquer custo. O que resultou em sinais de sobrecarga da natureza, refletida em sinais cada vez mais evidentes. A modernização dos setores de infraestrutura e transportes, responsável por encurtar distâncias e escoar a produção, possibilitou a intensificação de regimes extrativistas. Contribuiu, assim, para acelerar a alteração das paisagens e ecossistemas, fruto da globalização da cadeia produtiva e consumidora.

O estabelecimento de uma economia industrializada centrada espacialmente na urbe e lastreada em tecnologias de produção e consumo predatórios vem provocando grande impacto sobre a natureza. A expansão geométrica da produção e a ausência de preocupação com a capacidade de suporte da natureza caracterizaram esse período.<sup>61</sup>

A partir da segunda metade do século XX, a concepção da natureza, assim como as relações sócioambientais passaram a ser questionadas. Era cada vez mais evidente que o padrão de produção, o uso dos recursos naturais e a consequente degradação ambiental tornaria sua continuidade insustentável a longo prazo. Conforme Sevcenko, seria o auge do desenvolvimento industrial iniciado na Inglaterra do século XVIII, “Desde então esse assalto dos resíduos industriais sobre a natureza, os oceanos e a atmosfera só cresceu, em escala exponencial.”, resultando numa “enorme gama de produtos químicos e sintéticos.”<sup>62</sup>. Esses adventos, somados ao aumento demográfico e aceleração da degradação ambiental, a partir dos anos 50, formou os sintomas de uma crise socioambiental generalizada. O vício das grandes empresas em competição pelo lucro máximo e acumulação no menor tempo possível, refletiu-se no meio ambiente.

Esse movimento proporcionado por esta “grande aceleração” seria reconhecido posteriormente como período Antropoceno. Uma nova era geológica utilizada por alguns cientistas para caracterizar os efeitos do homem no meio ambiente, conforme Pádua “(...) foi quando a humanidade começou a se expressar de forma muito mais complexa em termos materiais e tecnológicos, até a emergência das economias industriais”<sup>63</sup>. Engendrou-se um novo nível de preocupação ambiental, e com isso, um nova fase do movimento ambientalista. Anterior a esta, no século XIX, o ambientalismo seria visto como um movimento que se constitui a partir de uma demanda de proteção ambiental para problemas bem definidos, sem contestar ou desafiar aspectos mais normativos e gerais do funcionamento da sociedade.”<sup>64</sup>.

<sup>61</sup> PESSOA; BARRETO, 2015, p. 221.

<sup>62</sup> SEVCENKO, 2001, p. 97.

<sup>63</sup> PÁDUA, José A. Antropoceno 3.0. **Página 22**. Out/nov. 2016. p. 9. [visitado em 27 jun. 2018].

Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/pagina22/article/viewFile/64616/62495>>

<sup>64</sup> D’AMATO, José L., LEIS, Héctor R. O ambientalismo como movimento vital: análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial. In: CAVALCANTI, Clóvis (org.). **Desenvolvimento e natureza**: estudos para

Ernst Haeckel cunhou o conceito ecologia, que etimologicamente deriva da junção dos termos gregos *oikos* (casa) e *logos* (estudo). Assim a ecologia traz contribuições sobre as relações entre os seres vivos e o meio ambiente<sup>65</sup>.

Nos anos 50, o ambientalismo relaciona-se com a ciência e academia. Um marco para essa aproximação foi a fundação da União Internacional para a Proteção da Natureza (UIPN), em 1948, por cientistas vinculados às Nações Unidas. Além deste, a Conferência Científica das Nações Unidas sobre Conservação e Utilização de Recursos (1949) seriam precedentes de uma nova era que estava em curso.

Seguindo esta trajetória, nos anos 60, a questão ecológica ganharia mais adeptos e estudiosos, disseminando seus alertas pela opinião pública mundial. Rachel Carlson publicou *Primavera Silenciosa* em 1962, um manifesto contra a utilização de agrotóxicos. Entre uma série de produções teóricas acerca da ecologia social formou-se nessa década com contribuições de diversas áreas<sup>66</sup>.

Os agroquímicos seriam uma das grandes novidades revolucionárias do mundo moderno, e também passou a ser altamente implementada no país. Utilizados indiscriminadamente em grandes extensões territoriais, absorvidos pelo solo, água, animais, insetos e seres humanos. Tudo isso, sem levar em conta os efeitos dessa simbiose química no meio ambiente e organismos a longo prazo. Desta forma, os adventos químicos empreendidos nas guerras tornaram-se grandes aliados dos produtores rurais para produzir alimentos sob o dever de eliminar o perigo da fome no mundo e aumentar os lucros.

A partir de 1968, o Clube de Roma começou a planejar seus relatórios científicos que culminariam no maior marco ambiental da história, “possibilitou a primeira grande discussão internacional na Conferência de Estocolmo em 1972”<sup>67</sup>. A instituição reuniu uma diversidade de personalidades científicas e políticas, e se engajaria para alertar sobre os limites dos recursos naturais planetários, através de cálculos e estimativas de produção e crescimento demográfico publicados no Relatório Meadows <sup>68</sup>. Assim, chegou-se a um denominador comum de quanto tempo seria ainda possível extrair recursos naturais não renováveis e poluir o planeta.

O Brasil, neste momento, estaria vivenciando altas taxas de crescimento de seu “Milagre Econômico”. Assim, repudiou veementemente a proposta de congelamento no crescimento da economia e produção. Não de forma isolada, liderou o posicionamento dos

uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez, 1998. p. 77.

<sup>65</sup> LAGO, Antônio, PÁDUA, José A. **O que é ecologia**. Editora Brasiliense S.A. 1984. p. 15.

<sup>66</sup> Ibid., p. 25.

<sup>67</sup> BRÜSEKE, Franz Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.).

**Desenvolvimento e Natureza**: Estudos para uma sociedade sustentável. Recife: INPSO/FUNDAJ. 1994. p. 14.

<sup>68</sup> MEADOWS, Dennis L., MEADOWS, Donella H., RANDERS, Jörgen, BEHRENS, WILLIAM W. Limites do crescimento um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade. São Paulo, Perspectiva. 1972.

países subdesenvolvidos contra as medidas anti-desenvolvimentistas. Com o argumento de que esta seria uma estratégia dos países desenvolvidos de conter o desenvolvimento dos países pobres através do debate ecológico. Conforme Duarte,

A delegação brasileira partiu para Estocolmo com minuciosas instruções para se posicionar contra tudo o que pudesse prejudicar o desenvolvimento nacional, e defender a administração dos recursos naturais como assunto de soberania. Segundo as instruções, o desenvolvimento demandava indústrias de base, sempre altamente poluidoras. Não obstante, o meio ambiente de países como o Brasil tinha condições de dissipar a poluição e, no futuro, quando as condições econômicas melhorassem, seria possível financiar a descontaminação. O texto criticava ainda o alarmismo da ONU, que apresentara um relatório “exagerado e emocional”.<sup>69</sup>

Ao concretizar a afirmação da delegação brasileira, declarando que o país encontra-se “aberto a poluição, porque o que se precisa é dólares, desenvolvimento e empregos”, o governo optou por atrair investidores facilitando os acessos aos recursos naturais, dispensando cuidados ambientais, além de subsídios e isenção de impostos, etc.<sup>70</sup>

O desenvolvimento agrícola, seria aprimorado e incluiria variedades transgênicas melhoradas de sementes através da engenharia genética, fertilizantes e irrigação. A disseminação deste pacote através de programas governamentais de extensão e crédito rural, fez aumentar muito o uso de agrotóxicos, além de se mostrar perigosa para a diversidade genética<sup>71</sup>. Após essa aparição, passou-se a utilizar cada vez mais estas tecnologias, na qual os americanos foram os primeiros a implementá-los, sendo seguido pelos demais países produtores. Motivados principalmente pela escassez de mão de obra, sobretudo, as nações latinoamericanas. E assim, consolidou-se as bases da agricultura moderna, pautada na mecanização associada ao uso de agroquímicos (de base mineral), no decorrer do século XIX, enquanto no começo do século XX, “(...) o uso deles se intensificou nos países industrializados, mas só se generalizou após a Segunda Guerra”<sup>72,73</sup>.

Para Lutzenberger, um dos ecologistas pioneiros, os fertilizantes passaram a ser um grande negócio. A indústria química mobilizou-se para voltar seu arsenal para os fertilizantes nitrogenados na agricultura<sup>74</sup>. Através dos lobbys a favor da regulamentação, esta indústria criou esquemas bancários de crédito fácil para arcar com os altos custos das tecnologias,

<sup>69</sup> DUARTE, Regina Horta. “Turn to pollute”: poluição atmosférica e modelo de desenvolvimento no “milagre” brasileiro (1967-1973). *Revista Tempo*, Vol. 21, n. 37. 2015. p. 73.

<sup>70</sup> Ibid.

<sup>71</sup> ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo, Rio de Janeiro : Expressão popular. 3ª edição. 2012. p. 30-31.

<sup>72</sup> MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. Laurence; [tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira]. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. p. 430.

<sup>73</sup> Neste caso, os autores referem-se aos adubos químicos como “matérias extraídas de camadas de rochas eruptivas, sedimentares ou salinas, que são em seguida transformadas mecanicamente e quimicamente.” Cf. MAZOYER, ROUDART, 2010, p. 88.

<sup>74</sup> LUTZENBERGER, J.A. O absurdo da Agricultura. *Estudos Avançados*, 15 (43): p. 61-74. 2001. p. 71.

inserindo o agricultor numa posição na qual “difícilmente sobravam outras alternativas”<sup>75</sup>. Desta forma, a indústria agroquímica instalou-se nos meandros econômicos nos tempos de paz. E assim, marginalizou-se um grande número de agricultores que não podiam arcar com os custos da aquisição de tecnologia<sup>76</sup>. Com isso, pode-se aferir que a Revolução Verde e a introdução dos químicos ocorreu como uma consequência direta da Segunda Guerra e as políticas de desenvolvimento promovidas pelos países vencedores, sobretudo, os Estados Unidos e a Fundação Rockefeller<sup>77</sup>.

No âmbito regional catarinense, Lohn registra como o capital internacional introduziu este aporte tecnológico para o campo através de parcerias entre os governos estadual e federal com instituições americanas que difundiam seu novo modelo de agricultura. Assim como em outras regiões do país, “Estabeleceu-se um processo de seleção dos “competentes”, por intermédio da identificação dos 'incompetentes', daqueles agricultores, tomados como 'rudimentares, rotineiros, tecnicamente atrasados’”<sup>78</sup>, visando aumentar a produtividade e os lucros mediante um desenvolvimento desigual entre os agricultores, mediante seleção dos “mais aptos”, através de mudanças culturais possibilitada pela tecnologia. Acompanhava-se, portanto, a expansão do poder dos Estados Unidos no contexto internacional.

Posteriormente, Caporal e Costabeber (1992) atestam a influencia dessas políticas na produção do campo brasileiro nas décadas seguintes. Ao mencionar os estudos da EMBRAPA divulgados pela FAO no Chile em 1992, mostram ainda que, de 1964 a 1979, a produtividade dos 15 principais cultivos do Brasil cresceu apenas 16,8%. No mesmo período, o consumo de fertilizantes químicos cresceu 124,3%, de inseticidas 233,6%, de fungicidas 584,5%, de herbicidas 5.414,2% e de tratores 389,1%<sup>79</sup>. O dossiê da o aponta que esse índice cresceu ainda mais nos últimos dez anos, o mercado mundial de agrotóxicos cresceu 93%, enquanto o mercado brasileiro 190%. Diante disso, em 2008, o Brasil ultrapassou os Estados Unidos e assumiu o posto de maior mercado mundial de agrotóxicos<sup>80</sup>. Assim, o crescente consumo de insumos químicos pela agricultura brasileira passa a destacar-se simultaneamente com o aumento das monoculturas, cada vez mais dependentes dos insumos químicos.

Diante dessa modernização dos campos, as propriedades localizadas no Vale do Itajaí, baseadas no minifúndio sofreram uma certa marginalização econômica, por não serem competitivos diante das grandes monoculturas de outras regiões mais adequadas, como já

<sup>75</sup> Ibid., p. 72.

<sup>76</sup> Cf. Altieri, 2012; Lutzenberger, 2001.

<sup>77</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Campos do atraso, campos modernos**: discursos da Extensão Rural em Santa Catarina (1956-1975) [dissertação]. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997. p. 4

<sup>78</sup> LOHN, Op. Cit., p. 71.

<sup>79</sup> CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. **Agroecologia e Extensão Rural**: Contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre. 166p. 2004. p. 7

<sup>80</sup> ABRASCO. **Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Parte 1: Agrotóxicos, Segurança Alimentar e Nutricional e Saúde. CARNEIRO, F. et al. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2012, p. 13.

mencionado<sup>81</sup>. Desta forma, a participação agrícola em Blumenau passou a ficar cada vez menor, ao passo que a indústria foi ganhando cada vez mais corpo e empregando um número cada vez maior de pessoas, muitas delas, oriundas do êxodo rural.

Não muito tempo depois, em Blumenau, também nasceria a história da Fundação Municipal de Meio Ambiente (FAEMA), relacionada com o movimento ambientalista no Brasil. Reconhecida como referência regional para a criação de órgãos ambientais, através do Decreto Municipal nº 965. Foi uma iniciativa da Associação Catarinense de Preservação da Natureza (ACAPRENA), fundada em 05 de maio de 1973, por um grupo de estudantes do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Neste mesmo ano também foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), e posteriormente, a Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente (FATMA), em 1975. Viriam de suporte para conduzir as políticas ambientais e fiscalizadoras da região.

A organização viria a pleitear questões ambientais no município, como a criação de uma área de proteção permanente, que resultaram nas reservas ambientais que existem hoje. Este contexto, viria de encontro com esta nova concepção ecológica do meio ambiente e sua função na sociedade, para além de um aspecto econômico utilitarista existente até então. Possivelmente, um dos reflexos e influências dos acontecimentos geopolíticos, entre outros que influenciaram também a região do Vale do Itajaí.

Com base na historicização dos precedentes e contexto expostos até aqui, tentou-se inserir e familiarizar a temática que relaciona as questões sócio ambientais no período. Em meio a este divisor de águas do movimento ambientalista, espera-se também que contribua para situar as temporalidades pretendidas, atuando sobre as análises das fontes como enfoques. Sempre necessários para situar e reconhecer as hermenêuticas de cada momento histórico.

Em 1983 foi criada pela Assembleia Geral da ONU, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, presidida por Gro Harlem Brundtland primeira-ministra da Noruega. A divulgar resultados das discussões desdobradas na Conferência de Estocolmo. O produto derivado dessa reunião *Nosso Futuro Comum* (1987) ou, *Relatório Brundtland*, apresentou um novos fatores para o conceito de desenvolvimento. Nele é cunhado o termo desenvolvimento sustentável, definindo como o que “satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”<sup>82</sup>. Reitera a incompatibilidade entre os padrões de desenvolvimento, produção e consumo, emergindo novas concepções socioambientais.

---

<sup>81</sup> Cf. Nota 30. MATTEDI, 2000. p. 233.

<sup>82</sup> Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1992.

## 2 A HISTÓRIA AMBIENTAL E DISCURSOS: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS

O capítulo anterior possibilitou uma aproximação à proposta da pesquisa e com o contexto referente à utilização dos recursos naturais pela humanidade. Apontou-se como a busca pelo desenvolvimento estaria encaminhando sua própria extinção. Nesse sentido, buscou-se alinhar minimamente o cenário relativo ao meio ambiente nos âmbitos global, nacional e regional, para então adentrar à compilação das publicações identificadas na Revista Blumenau em Cadernos que aludem à temática.

Deste modo, este capítulo visa apresentar os resultados referente às menções ao meio ambiente publicadas nos primeiros momentos da Revista. As publicações remetem tanto ao período de colonização, como para o presente das edições. Trazem assim, distintos pontos de vista, mobilizando diferentes discursos. Contudo, para melhor compreensão, antes de iniciar o trato com as fontes, serão expostos os embasamentos teóricos metodológicos que nortearam a pesquisa

### 2.1 O SURGIMENTO DA HISTÓRIA AMBIENTAL E A ANÁLISE DOS DISCURSOS.

Este estudo visa uma análise das publicações presentes Revista Blumenau em Cadernos pautado no viés teórico da História Ambiental. A tentativa é de trazer à tona concepções e condutas da sociedade para com o meio ambiente, expressadas através deste periódico. Para isso, buscou-se articular a História Ambiental com Análises de Discursos, para atuar juntas sobre essas fontes de imprensa. Num segundo momento será delimitado os campos de conhecimento pelos quais pretende-se transitar, bem como seus referenciais teóricos.

Ao incluir a teoria das três dimensões de Worster<sup>83</sup>, introduz-se a possibilidade analítica do domínio sócio ambiental. Dentre os três níveis propostos pelo autor, o segundo nível, de domínio "socioeconômico", analisa a interação entre sociedade e o ambiente, atentando pelas "relações sociais que são produzidas em torno deste", o terceiro nível de análise traz à tona os "tipos de percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação", tornando passíveis de análises a partir do diálogo de um grupo com a natureza, neste caso, a cidade. Através destas dimensões, define-se que certos comportamentos ambientais são "destrutivos e devem ser proibidos, enquanto outros são incentivados"<sup>84</sup>, ao sistematizar as análises das fontes, abre-se possibilidades de investigar como esse conjunto de valores e percepções modificou-se,

<sup>83</sup> WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. Tradução de José Augusto Drummond. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 198-215.

<sup>84</sup> WORSTER, Op. cit, p. 202.

bem como possibilita perceber como a própria natureza e as pessoas modificaram-se, numa dialética de tensões e embates que perdura até o presente.

Já o primeiro nível, que aqui não será a intenção de análise, volta-se para o entendimento da natureza em si e o seu funcionamento. No entanto, concorda-se com o entendimento no que se refere à dialética entre homem e meio ambiente, isto é, “(...) atuando ora como útero, ora como estômago, ora como devorador, ora como devorado, ora como hospedeiro de microorganismos, ora como uma espécie de parasita.”<sup>85</sup>. Deste modo, não será a intenção discutir os aspectos intrínsecos à natureza.

Tratando-se do meio ambiente, verifica-se em Martins que a “(...) História Ambiental contribui potencialmente para inscrever em nós a ‘consciência ecológica’.”<sup>86</sup>. Enquanto Drummond aponta que “O tempo no qual se movem as sociedades humanas é uma construção cultural consciente.”<sup>87</sup>, assim, desde o século passado, o movimento ambientalista consolidou novos padrões de produção e consumo, sobretudo, no uso de recursos naturais a partir da constituição de uma nova consciência ecológica. Com isso, aproximamo-nos dos ensinamentos de Pádua, no qual os historiadores ambientais com as mudanças epistemológicas consolidadas no século XX, conceberam a visão de natureza “(...) como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo.”<sup>88</sup>. Deste modo, contribui-se para constituir a formulação teórico metodológica da História Ambiental.

Marcos Martins enumera cinco casos que a História Ambiental aborda, das quais, algumas delas pode serem apropriadas para este estudo.

- a) origens e efeitos de políticas ambientais e da cultura científica administrativa de organismos governamentais com responsabilidade pelo meio ambiente; (...)
- c) saberes, práticas e valores sociais relativos à natureza;
- d) idéias de personalidades destacadas, como escritores ou militantes ambientalistas, sobre a natureza e as questões ambientais;
- e) casos notáveis de degradação ambiental.<sup>89</sup>

Consolidada nos Estados Unidos, foi justamente na época em que o ambientalismo passou a ter mais destaque, concomitante com a Conferência Ambiental de Estocolmo (1972), culminou também no primeiro curso universitário relacionado ao tema. Neste ano, o historiador cultural Roderick Nash da Universidade da Califórnia ministra “The state of environmental history”<sup>90</sup>.

Para se tratar da História Ambiental, Drummond afirma que podem ser utilizadas fontes

<sup>85</sup> Ibid.

<sup>86</sup> MARTINS, Marcos Lobato. **História e meio ambiente**. São Paulo: Annablume. Faculdades Pedro Leopoldo. 2007. p. 25.

<sup>87</sup> DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 4.

<sup>88</sup> PÁDUA, José A. As bases teóricas da História Ambiental. *Estudos Avançados*, n. 24, v. 68, 2010. p. 83.

<sup>89</sup> MARTINS, Marcos Lobato. **História e meio ambiente**. São Paulo: Annablume. Faculdades Pedro Leopoldo. 2007, p. 27.

<sup>90</sup> WORSTER, 1991, p. 200.

tradicionais da história como “(...) censos populacionais, econômicos e sanitários, inventários de recursos naturais, imprensa, leis e documentos governamentais, atas legislativas e judiciárias, crônicas (...)”, neles se encontram informações abundantes sobre os “(...) conceitos, os usos, os valores atribuídos e a disponibilidade de recursos naturais.”<sup>91</sup>. Nesse sentido, ao incorporar nas análises discursivas elementos exteriores à fonte, buscar-se-á trazer à tona as questões inerentes da relação entre sociedade e meio ambiente. Conforme Martins, as inter-relações complexas entre sociedades e natureza, todas suas dinâmicas socioambientais ocorrendo no espaço, sendo este um “terreno profícuo de estudos”, desta forma, “o lugar, região e a espacialidade são a natureza da sociedade e da história”, ao se analisar “dados físicos, naturais, ecológicos, e dados sociais, culturais...”<sup>92</sup>. Assim como as fontes impressas, que também são mencionadas pelo autor, como “[...] coleções de jornais e revistas publicados no país. [...] Nas páginas dos jornais e das revistas”, de orientações editoriais e políticas diversas, buscando notícias sobre “conflitos em torno da apropriação e do uso de recursos naturais e as ações das autoridades para impor a ordem”<sup>93</sup>. Certamente, esta é uma das abordagens que norteará o curso desta pesquisa.

Drummond lembra da famosa frase de Worster et al., na qual trata-se de “colocar a sociedade na natureza”<sup>94</sup>, ao passo que se dá forças à natureza como “um estatuto de agente condicionador ou modificador da cultura.”<sup>95</sup>. Desta forma, a História Ambiental atua para estudar o papel da cultura na gestão dos recursos, através das relações entre as sociedades e o seu ambiente. No ínterim dessas relações, encontra-se informações abundantes sobre os conceitos, os usos, e os valores atribuídos aos recursos naturais em uma determinada localidade e tempo histórico.

Quanto ao método a ser empregado, considero os estudos da esfera de Análise de Discurso pertinentes para abordar estas fontes. Como discurso compreende-se, conforme Durval Muniz, que “[...] o passado não é um objeto externo e distinto da narrativa, como será para os modernos. Ele se materializa, se realiza na narrativa, vem à cena na narrativa [...]”<sup>96</sup> através do texto. O uso dos discursos e pronunciamento tem aí a função de tornar o passado e seus personagens vivos, acontecendo à frente do espectador.

O discurso torna-se uma via de acesso ao passado para o historiador, o auxiliando numa das esferas de seu ofício, na busca de reconstruí-lo, entre outros atributos possíveis como pesquisador. Tendo em vista que as fontes históricas, entre elas os discursos, exercem também a função de prova documentada sobre determinado contexto ou fato ocorrido. Foucault afirma

<sup>91</sup> DRUMMOND, 1991, p. 6.

<sup>92</sup> MARTINS, Op. cit., p. 40.

<sup>93</sup> Ibid., p. 60.

<sup>94</sup> WORSTER et al. 1990. A round table: environmental history. **The Journal of American History**, vol. 76, n.4. p. 1087-1147.

<sup>95</sup> DRUMMOND, Op. cit., p. 4.

<sup>96</sup> JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.) **O historiador e suas fontes**. 1 ed. São Paulo : Contexto. 2011. p. 228.

que,

(...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.<sup>97</sup>

Atrelado a essas finalidades do discurso, Barros discorre sobre as fontes, como "(...) o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar" sendo ela mesma "o próprio fato histórico"<sup>98</sup>. Apesar desta ferramenta nos apresentar um testemunho verídico do passado, Le Goff e Foucault, mencionados por Durval Júnior, nos ensinam que é preciso preocupar-se "(...) como esse discurso foi produzido, em que época, por quem, sob quais circunstâncias" <sup>99</sup>. Neste aspecto, Cardoso e Vainfas complementam este raciocínio, afirmando que o pressuposto fundamental para análise de textos é que "(...) um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, *não pode ser visto como algo transparente.*"<sup>100</sup>.

Barros assevera sobre a análise a ser empreendida na fonte, denominada pelo autor como "análise externa", examinando "... do ponto de vista das intenções ou das motivações pessoais do autor que o produziu, ou daqueles que dele se apropriam imputando-lhe novos sentidos." <sup>101</sup>, O autor ainda coloca três dimensões fundamentais a serem analisadas: o *intratexto*, o *intertexto* e o *contexto*. O *intratexto* implica na avaliação do "texto em si", como objeto de significação; o *intertexto* refere-se na relação com outros textos; e o contexto relaciona o texto na realidade na qual foi produzido. Para o autor, essa "tríplice abordagem" é "inegavelmente a mais rica para um historiador que pretende utilizar o discurso textual como fonte."<sup>102</sup>. Outro ponto abordado pelo autor ao analisar a fonte é o lugar onde foi produzido, o estilo literário, e sua história de vida, e sobretudo, a sociedade que o envolve, influenciarão o conteúdo de sua mensagem.

Por último, fechando o "triângulo de comunicação", o autor menciona o(s) lugar(es) de recepção, ou receptor(es). Nesse sentido, Levi faz a ressalva, afirmando que "(...) os documentos são falsos por dois motivos: primeiro, sempre são parciais (...) são apenas fragmentos", em segundo lugar, "os documentos se produzem quando há ação e decisão"<sup>103</sup>. Portanto, é fundamental levar em consideração tais abordagens críticas acerca do trato

<sup>97</sup> FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 8-9.

<sup>98</sup> BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis : Vozes. 2004. p 134.

<sup>99</sup> JUNIOR, 2011, p. 234.

<sup>100</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. - Rio de Janeiro: Campus. 1997. p. 539

<sup>101</sup> BARROS, 2004, p. 136

<sup>102</sup> Ibid.

<sup>103</sup> LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**, v.20. 2014. p. 10.

documental, a fim de transpor uma mera descrição das fontes.

Até aqui, evidencia-se uma metodologia que busca contrapor e complementar os documentos, conforme Chartier, os documentos “[...] não são mais considerados somente pelas informações que fornecem, mas são também estudados em si mesmos, em sua organização discursiva e material, suas condições de produção, suas utilizações estratégicas”<sup>104</sup>, ou seja, examina-se aquilo que é dito, sua organização discursiva e material, suas condições de produção e suas utilidades. Desta forma, busca-se compreender o documento no contexto de sua produção, para quem e por quem fora produzido.

Heloisa de Faria Cruz e Maria Peixoto aprofundam a metodologia analítica do corpus documental, apontando para “percorrer o caminho inverso”, no intuito de produzir “uma análise que busque surpreendê-la na complexidade de suas articulações e desfazer o mito de sua objetividade”, emergindo outras “experiências, vozes e interpretações, que dêem visibilidade a outras histórias e memórias”<sup>105</sup>, buscando assim, complementar a informação do enunciado.

Reiterando a metodologia, é preciso reconstituir o contexto da fonte no momento no qual se encontra, que nem sempre é mencionado. Em complemento a esta concepção, acerca dos periódicos como fonte, Tânia de Luca atesta ainda que o historiador, ao selecionar a imprensa como fonte, poderá partir de ferramentas oriundas da análise do discurso que problematizam a “identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento”<sup>106</sup>, ao trabalhar com aquilo que se tornou notícia é preciso também dar conta de suas motivações, sua linha editorial, seus colaboradores, poderes e interesses financeiros. Tendo em vista a proposta de analisar a *Revista Blumenau em Cadernos*, faz-se necessária a inclusão do debate acerca da utilização da imprensa como fonte histórica, haja vista os elementos fornecidos que possibilitam a realização de uma análise crítica.

Camargo discorre sobre jornais e os aspectos da verdade contidos neste meio, como os que mais se aproximam da “consciência dos homens” e seus problemas, através de “verdades fragmentadas”, que “podem e devem ser questionados”<sup>107</sup>. Não muito distante, encontram-se as publicações encontradas em periódicos. Apesar de publicações com caráter fragmentado e descontínuo, é indubitável as contribuições que esse veículo de informação traz para o campo historiográfico, apesar de seus perigos e armadilhas interpretativas. Sosa sugere formas de evitar conclusões precipitadas e superficiais, através do reconhecimento daquilo que se encontra “em torno dela, já que essa mesma imprensa está invariavelmente atrelada ao seu tempo

<sup>104</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS. 2002. p. 13.

<sup>105</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; CUNHA, Maria do Rosário da Cunha Peixoto. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. Projeto História. n.35. São Paulo. 2007. p. 260.

<sup>106</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 140.

<sup>107</sup> CAMARGO, Ana Maria. **A Imprensa periódica como fonte para a História do Brasil**. Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH. Campinas. 1969.

histórico”<sup>108</sup>, vindo a complementar o raciocínio anterior, no sentido de reiterar o sentido enunciado pela fonte.

Diante disso, e do desenvolvimento do debate historiográfico e metodológico acerca do uso da imprensa como fonte, no decorrer do século XX, pode-se aferir um certo amadurecimento por parte dos historiadores que adotam tal perspectiva. De modo que todo e qualquer documento em si, não é neutro ou inocente, da mesma forma que ele não reproduz, necessariamente, uma versão de verdade incontestável. Heloísa Farias nos mostra que a questão central para uma metodologia adequada, é refletir sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, bem como sua conjuntura. Tal exercício possibilita desvelar a estrutura de processos econômicos, movimentos e formações culturais circunstanciados na sociedade num determinado período, ao passo que sua atuação também “(...) delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos.”<sup>109</sup>, sendo esta, uma outra possibilidade de abordagem diante dos documentos elencados.

Com isso, espera-se que tal articulação metodológica resulte numa abordagem sob o olhar da História Ambiental, voltada para as questões de meio ambiente e naturais, aliada, sempre que possível, à crítica do viés da Análise dos Discursos, conforme exposto anteriormente. Para isso, será necessário remeter ao período tratado e à concepção de natureza vigente nos contextos presentes nas publicações, como será intentado a seguir.

## **2.2 ADENTRANDO AO VASTO VERDE: REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES SÓCIO AMBIENTAIS NA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS (1958-1962).**

Ao estabelecer o viés teórico-metodológico pretendido, possibilita-se a análise dos dados coletados da *Revista Blumenau em Cadernos* concernentes à História Ambiental. Entretanto, é preciso, antes de tudo, deixar claro de que o intento do periódico nunca esteve voltado para explorar, analisar ou desenvolver as facetas ambientais presentes no desenvolvimento blumenauense. Mas sim, como já mencionado e vislumbra no primeiro fascículo da Revista, expressado pelo seu mentor José Ferreira da Silva. Ele dedica seus registros iniciais para as “futuras gerações”, para que reflitam acerca dos percalços e esforços dos pioneiros que deram os primeiros passos para a construção de uma vida mais “digna e

<sup>108</sup> SOSA, Derocina Alves Campos. **A História Política do Brasil (1930 -1946) sob a ótica da imprensa gaúcha** [tese]. Porto Alegre. 2005. p. 7-8.

<sup>109</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**, n.35. São Paulo. 2007. p. 258.

próspera”<sup>110</sup> na Colônia Blumenau. Além disso, a Revista também destaca inúmeros fatos históricos através dos relatórios da colônia de Hermann Blumenau, com relatos e correspondências de imigrantes, bem como literatura local, que ilustra a colonização. Também ocorre menções a personalidades de participação política e social, entre outros profissionais atuantes como professores, cientistas, empresários e algumas famílias da cidade.

Uma prévia deste esforço mostra-se ao leitor na apresentação da *Revista Blumenau em Cadernos*, em sua primeira edição. Através do enaltecimento do empenho de seus moradores, um povo “honesto”, de dirigentes com orientação “sábida e digna” e uma elite com “espírito de iniciativa” e “capacidade realizadora”. No periódico, se discute “todos os assuntos de que possa resultar algum benefício do Vale do Itajaí”<sup>111</sup>. Assim, são registradas memórias pioneiras e os fatos históricos decorrentes na região. O mentor da Revista ainda deseja que seu esforço sirva de “estímulo” para as futuras gerações. Defende, sobretudo, a integração da cidade e cultura alemã no cenário nacional, aproximando os interesses de Blumenau com os do Brasil, ao passo que inseria Blumenau na historiografia catarinense. Evidencia-se, portanto, os estímulos pelos quais o periódico foi criado.

No que se refere à tipologia de fontes encontradas no decorrer da pesquisa, encontrou-se, em ambos os recortes temporais, diversos tipos de publicações expressados pelo periódico. Entre elas, há transcrições de documentos do século XIX, como Relatórios da Colônia de Hermann Blumenau; correspondências de imigrantes e artigos de jornais; publicações de vários autores que remetem a análises dos aspectos naturais, entre outros subsídios históricos da região. Houve também emissões que constituem-se através de discursos do tempo presente (1958-1962 / 1980-1984). Em ambos os recortes temporais, encontram-se exposição de temas que tratam o desmatamento, entre outras contribuições de ambientalistas referente ao tema e apelos para se conservar o meio ambiente. Também há casos de transcrições literárias que referenciam o meio ambiente ou algum aspecto natural, que trazem dados riquíssimos sobre características locais. Além disso, há casos, no segundo recorte temporal, de comunicados oficiais feitos pela prefeitura através da Secretaria do Meio Ambiente, informando serviços de fiscalização, conscientização e apoio aos produtores rurais, além de divulgação de eventos e registros de homenagens relacionadas à causa ambientalista. Desta forma, totalizou-se 78 publicações, 34 no primeiro, e 44 do segundo recorte temporal.

Dentre os artigos compilados do periódico, foi dada importância àqueles que divagam, analisam, mencionam assuntos relativos ao meio ambiente, à natureza, ou recursos naturais. Assim como as relações socioambientais atinentes a este período. Com isso, foram encontrados os seguintes artigos, relacionados em ordem cronológica de publicação.

<sup>110</sup> **Blumenau em Cadernos**. Tomo I. n. 1. Nov. 1957. p. 1.

<sup>111</sup> **Blumenau em Cadernos**. Tomo I. n. 1. Nov. 1957. p. 1.

*Quadro 1 – Representações sócioambientais identificadas na Blumenau em Cadernos 1957-1962. Fonte: o autor (2018).*

<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Blumenau em 1857. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 2-3. Nov. 1957.</p> <p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Um julgamento acertado. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 16-17. Nov.1957.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> O Rio Itajaí. O desvendamento da Costa – Mapas e Portulanos do termo Nomenclatura litorânea – Morfologia do nome. BOITEUX, Lucas A. Blumenau/SC. Tomo I. n. 2. p. 27. Dez.1957.</p> <p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Problemas da Administração Municipal. As enchentes do Itajaí. Blumenau/SC. Tomo I. n. 2. p. 34. Dez.1957.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Efemérides Blumenauenses. As enchentes do Itajaí. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 51. Dez.1957.</p> <p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> A Bacia do Itajaí e seus problemas econômicos: a cultura do fumo. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 55-56. Jan. 1958</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Blumenau/SC. Tomo I. n. 4. p. 80. Fev. 1958.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> BLUMENAU, Cristina. O Doutor Hermann Blumenau. Um colonizador alemão no Brasil. Blumenau/SC. Tomo I. n. 5. p. 81-91. Mar. 1958</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Relatórios do Dr. Blumenau. Quarto Relatório da Colônia Blumenau. Ano de 1853. Blumenau/SC. Tomo I. n. 6. p. 103-108. Abr. 1958</p> <p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Dr. Hoehne. Lamentável desaparecimento. Blumenau/SC. Tomo I. n. 6. p. 113-114. Abr. 1958</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> ALTHOFF, Rudolf. Abastecimento de água em Blumenau. Blumenau/SC. Tomo I. n. 8. p. 151-152. Jun.-Jul. 1958.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Relatórios do Dr. Blumenau - 1856. Blumenau/SC. Tomo II. n. 1. p. 2-4. Jan. 1959.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> SILVA, José Ferreira da. Política de arraial. Blumenau/SC. Tomo II. n. 2. p. 25-28 Fev. 1959.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Antigamente... Blumenau/SC. Tomo II. n. 8. p. 154. Ago. 1959.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Bugres e onças. Blumenau/SC. Tomo III. n.1. p. 4. Jan. 1960.</p> <p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> O que dizem de nós. Blumenau/SC. Tomo III. n.1. p. 8. Jan. 1960.</p> <p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Significativo acontecimento. Blumenau/SC. Tomo III. n.1. p. 12-14. Jan. 1960.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Flagrantes da história de Rio do Sul. Blumenau/SC. Tomo III. n.2. p. 24-29. Fev. 1960.</p>

<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Um veterano depõe. Blumenau/SC. Tomo III. n.4. p. 61-68. Fev. 1960.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Flagrantes da história de Rio do Sul. Blumenau/SC. Tomo III. n.5. p. 87-91. Mai. 1960.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Blumenau Pitoresco. Blumenau/SC. Tomo III. n.7. p. 129. Jul. 1960.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> GAERTNER, Reinholdo. O Vale do Itajaí em 1855. Blumenau/SC. Tomo III. n.10. p. 181-185. Out. 1960.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> O Itajaí-Mirim (Seus primeiros desbravadores). Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. p. 1-8. Jan. 1961.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> A “Kulturverein”. Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. p. 15-16. Jan. 1961.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Enchentes de Blumenau. Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. p. 18. Jan. 1961.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Um documento ignorado sobre o começo de Blumenau. Blumenau/SC. Tomo IV. n.3. p. 54-56. Mar. 1961.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Apontamentos de Júlio Baumgarten. Blumenau/SC. Tomo IV. n.7. p. 121-126. Jul. 1961.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Cristiana Deeke Barreto. A grande enchente deste ano. Blumenau/SC. Tomo IV. n.12. p. 230-233. Dez. 1961.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> PEREIRA, Carlos da Costa. Movimento colonizador na província de Santa Catarina durante estes últimos anos (1828-1860). Blumenau/SC. Tomo V. n.2. p. 21-25. Jan. 1961.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Carlos da Costa Pereira. Movimento colonizador na província de Santa Catarina durante estes últimos anos (1828-1860). Blumenau/SC. Tomo V. N. 3. p. 41-43. Mar. 1962.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Ano de 1862. Blumenau/SC. Tomo V. N. 4. p. 61-64. Abr. 1962.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Colônia Blumenau Relatório ano de 1862. Blumenau/SC. Tomo V. N. 4. p. 67-73. Abr. 1962.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> O município de Dona Ema. Blumenau/SC. Tomo V. N. 11-12. p. 152-155. Nov-Dez. 1962.</p>
<p><b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> A Colônia Blumenau em 1863. Blumenau/SC. Tomo V. n. 11-12. p. 173-174. Nov.-Dez. 1962.</p>

Com isso totalizaram-se 34 artigos compilados, publicados entre novembro de 1957 a dezembro de 1962, que emergem questões ambientais. Para melhor apreciação, os artigos foram agrupados e categorizados, conforme seus assuntos, para assim, segmentar os conteúdos identificados. As categorias elencadas aludem a questões: a) econômicas; b) análises e representações do meio ambiente; c) culturas agrícolas; d) conservação / degradação do meio ambiente. Poderá ocorrer de um artigo enquadrar-se em duas ou mais características. Da mesma forma, em ambos os períodos houve menções ao período colonial (séc. XIX).

Para serem estipuladas as categorias de cada publicação, determinou-se através de critério subjetivos, mediante seus assuntos tratados. As publicações que trazem algum ganho ou aspecto econômico, ou, mais precisamente, de aspecto a comercialização de alguma material prima, enquadram-se na categoria “a) econômica”. As análises da natureza, acerca de sua beleza, seu comportamento, ou percepções naturais, formam a segunda categoria “b) representações do meio ambiente”. Os textos que remetem aos cultivos de produtos agrícolas, ou técnica para seu cultivo formam a terceira categoria “c) culturas praticadas”. Por fim, os registros que trazem alguma preocupação com a poluição, ou percepção para a conservação do meio ambiente ficaram na categoria “d) conservação / degradação do meio ambiente”. Entretanto, apesar de feita esta classificação individual e meramente subjetiva, não teve-se a intenção de se manter um sentido taxonômico absoluto neste rol de publicações. Contudo, devido sua praticidade e similaridade com os assuntos, acredita-se que esta seja a forma mais adequada para classificar individualmente cada uma das fontes.

A exemplo, entre a documentação encontrada, estão os relatórios da colônia redigidos por Hermann Blumenau. Neles são relatados dados de caráter econômico, através da produção das safras e criação animal. Assim, representando duas categorias (a) econômica, e c) cultura praticada). Esta foi uma característica recorrente neste primeiro recorte, totalizando 13 <sup>112</sup> artigos que apontam questões econômicas a partir do beneficiamento de algum recurso natural, como a madeira, ou produção agrícola. Constatou-se, neste caso, fontes como, além dos relatórios da colônia (6), literatura que abordam a produção agrícola dos imigrantes (2), além de registros econômicos da região (3), entre outros excertos de jornais (2).

<sup>112</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau em 1857. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 2-3. Nov. 1957. **BLUMENAU EM CADERNOS**. Um julgamento acertado. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 16-17. Nov.1957. **BLUMENAU EM CADERNOS**. Efemérides Blumenauenses. As enchentes do Itajaí. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 51. Dez.1957. \_\_\_\_ . A Bacia do Itajaí e seus problemas econômicos: a cultura do fumo. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 55-56. Jan. 1958. \_\_\_\_ . Relatórios do Dr. Blumenau. Quarto Relatório da Colônia Blumenau. Ano de 1853. Blumenau/SC. Tomo I. n. 6. p. 103-108. Abr. 1958; **BLUMENAU EM CADERNOS**. Relatórios do Dr. Blumenau - 1856. Blumenau/SC. Tomo II. n. 1. p. 2-4. Jan. 1959.; **BLUMENAU EM CADERNOS**. Antigamente... Blumenau/SC. Tomo II. n. 8. p. 154. Ago. 1959.; \_\_\_\_ . Significativo acontecimento. Blumenau/SC. Tomo III. n.1. p. 12-14. Jan. 1960. \_\_\_\_ . Flagrantes da história de Rio do Sul. Blumenau/SC. Tomo III. n.5. p. 87-91. Mai. 1960. \_\_\_\_ . GAERTNER, Reinhold. O Vale do Itajaí em 1855. Blumenau/SC. Tomo III. n.10. p. 181-185. Out. 1960. \_\_\_\_ . O Itajaí-Mirim (Seus primeiros desbravadores). Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. p. 1-8. Jan. 1961. \_\_\_\_ . A Colônia Blumenau em 1863. Blumenau/SC. Tomo V. n. 11-12. p. 173-174. Nov.-Dez. 1962. \_\_\_\_ . Um documento ignorado sobre o começo de Blumenau. Blumenau/SC. Tomo IV. n.3. p. 54-56. Mar. 1961.

Percebe-se neste segmento, o domínio do cultivo de alimentos e criação animal, e manejo dos recursos disponíveis, para seu comércio e conseqüente industrialização. Verificou-se menção em algumas publicações relacionadas à madeira <sup>113</sup>. A começar sobre o desbravamento do Itajaí-mirim nos primórdios do século XVIII. Menciona as informações colhidas no diário do Alferes Antonio José da Costa (1751-1817) ao relatar, a “abundância de pinheiros” para desenvolver um “lucrativo ramo de comércio”<sup>114</sup>. Além de uma possível fonte de matérias primas, as árvores plenamente desenvolvidas eram consideradas em outros artigos como sinônimo de fertilidade do solo. Encontradas por “tôda a bacia” do Itajaí, “cobertas de florestas naturais, cujo valor, pela existência de madeira de lei, com árvores altas, de troncos grossos, aumenta, igualmente, com o solo mais fértil.”<sup>115</sup>, sobressaindo “canela e o cedro”<sup>116</sup>. Numa publicação da *Revista Blumenau em Cadernos* de 1957, traz o porto de Itajaí como “maior exportador de madeiras do Brasil.”<sup>117</sup>, concretizando curiosamente, assim, a previsão do alfer feita anteriormente. Além desta matéria prima, os imigrantes obtiveram êxito em diversas empreitadas através de sua relação com a natureza para prover sua subsistência e incipiente comércio. Algumas delas serão analisadas particularmente adiante, como caça e a agricultura.

No segundo grupo enquadram-se artigos que analisam, ou narram algum aspecto do meio natural, trazendo à tona representações do meio ambiente e da natureza. Ao conceber os textos identificados como representação, teve-se em mente o conceito apontado por Dominique Santos, como algo “interdependente” com o real. Porém, não necessariamente esta seja um “quadro permanente do real” para encontrar a “verdade do passado”<sup>118</sup>. Mas sim, uma das inúmeras vias de acesso a esse passado, via representações narrativas. Totalizou-se, assim, 17 artigos que referenciam-se em diversas análises da natureza. Destaca-se a característica de abundância da natureza e a fertilidade do solo<sup>119</sup>. Este conjunto de fontes trata-se de registros memoriais de vários autores, e correspondências de imigrantes (2), que emergem alguns aspectos naturais do vale do Itajaí. Representada como provedora de “boa quantidade de

<sup>113</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau em 1857. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 2-3. Nov. 1957.  
**BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau em 1857. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 2-3. Nov. 1957.  
**BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau em 1857. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 2-3. Nov. 1957.

\_\_\_\_\_. GAERTNER, Reinholdo. O Vale do Itajaí em 1855. Blumenau/SC. Tomo III. n.10. p. 181-185. Out. 1960.

\_\_\_\_\_. O Itajaí-Mirim (Seus primeiros desbravadores). Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. p. 1-8. Jan. 1961.

<sup>114</sup>\_\_\_\_\_. O Itajaí-Mirim (Seus primeiros desbravadores). Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. Jan. 1961. p. 5.

<sup>115</sup>\_\_\_\_\_. GAERTNER, Reinholdo. O Vale do Itajaí em 1855. Blumenau/SC. Tomo III. n.10. p. 181-185. Out. 1960.

<sup>116</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau em 1857. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 2-3. Nov. 1957.

<sup>117</sup>\_\_\_\_\_. Blumenau em 1857. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 2-3. Nov. 1957.

<sup>118</sup> SANTOS, Dominique V. C. dos. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*. Ano 3, N.6, dez/2011. p. 27-53. Universidade Federal de Goiás. 2001. p. 47.

<sup>119</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Um julgamento acertado. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 16-17. Nov.1957;  
\_\_\_\_\_. O município de Dona Ema. Blumenau/SC. Tomo V. N. 11-12. p. 152-155. Nov-Dez. 1962.\_\_\_\_\_.  
Flagrantes da história de Rio do Sul. Blumenau/SC. Tomo III. n.5. p. 87-91. Mai. 1960.\_\_\_\_\_. GAERTNER,  
Reinholdo. O Vale do Itajaí em 1855. Blumenau/SC. Tomo III. n.10. p. 181-185. Out. 1960. Tomo III. n.4. p. 61-  
68. Fev. 1960.\_\_\_\_\_. Carlos da Costa Pereira. Movimento colonizador na província de Santa Catarina durante  
estes últimos anos (1828-1860). Blumenau/SC. Tomo V. n.2. p. 21-25. Jan. 1961 e Tomo V. N. 3. p. 41-43. Mar.  
1962.

forragens, sadias e nutritivas, durante o ano todo”<sup>120</sup>, assim como uma “floresta sem fim”<sup>121</sup>, com níveis de produção até mesmo duvidáveis, com isso, este artigo, enquadrou-se também nos aspectos econômicos.

Vivemos aqui na rica, na mais linda e romântica terra que se possa imaginar. Se, na Europa, e uma arte achar o que comer, aqui seria arte ter que passar fome tanto a natureza aqui produz sem o auxílio do braço humano.<sup>122</sup>

Outros retratam a abundância, como “matas virgens, eternamente verdes e silenciosas, um cenário imponente e pitoresco (...) no seu silêncio magestoso, impressionante”<sup>123</sup>. A caracterização do meio ambiente, portanto, está atrelada à sua exuberância e fertilidade.

Há também distintas percepções da natureza, que além de prover alimentos e matérias primas, também é percebida como fonte de “distração” e “lazer”, através da observação de animais ou cultivo de plantas ornamentais<sup>124</sup>. A publicação de um relato da colonização descreve o rio Itajaí e as distrações daquela época, como, “(...) ir até à mata virgem, que se estendia ao fundo do nosso lote, para observar os bandos de centenas de monos.”<sup>125</sup>. Tais publicações, vêm a ser uma perspectiva de contraponto diante da tradicional concepção antropocêntrica, pautada no uso indiferente e indiscriminado da natureza. Configuram-se discursos inseridos num momento em que o meio ambiente é mencionado para estipular o grau de desenvolvimento da colônia, conforme é apondado nos artigos voltados à economia.

Tais excertos lançam luz à perspectiva do imigrante diante da vastidão verdejante na qual estava inserido, concepção de espaço que predominou até meados do século XX. Neste cenário, seria estranho não encontrar registros da atividade de caça pelas matas.

(...) a caça nas florestas extensas, com os múltiplos córregos, é lucrativa, consistindo, principalmente, de antas, veados (espécie de antílope), porcos, tatus, pacas, capivaras, (...) macacos de diversas espécies. De aves ha jacus, com espécies, as vezes, de tamanho maior do que a galinha doméstica, macuco, nhambú, jaó, uru (...), papagaios de diversas qualidades e pica-paus.<sup>126</sup>

Entretanto, a mesma natureza exuberante é também a natureza selvagem. Com sua mata fechada, esconde animais ferozes e silvícolas selvagens, que também é concebida como uma

<sup>120</sup>———. GAERTNER, Reinholdo. O Vale do Itajaí em 1855. Blumenau/SC. Tomo III. n.10. p. 181-185. Out. 1960.

<sup>121</sup>———. Flagrantes da história de Rio do Sul. Blumenau/SC. Tomo III. n.2. p. 24-29. Fev. 1960.

<sup>122</sup>———. Um documento ignorado sobre o começo de Blumenau. Blumenau/SC. Tomo IV. n.3. p. 54-56. Mar. 1961. p. 55.

<sup>123</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. GAERTNER, Reinholdo. O Vale do Itajaí em 1855. Blumenau/SC. Tomo III. n.10. p. 181-185. Out. 1960.

<sup>124</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. BLUMENAU, Cristina. O Doutor Hermann Blumenau. Um colonizador alemão no Brasil. Blumenau/SC. Tomo I. n. 5. p. 81-91. Mar. 1958; **BLUMENAU EM CADERNOS**. Um veterano depõe. Blumenau/SC.

<sup>125</sup>———. Um veterano depõe. Blumenau/SC. Tomo III. n.4. p. 61-68. Fev. 1960.

P. 62.

<sup>126</sup>———. GAERTNER, Reinholdo. O Vale do Itajaí em 1855. Blumenau/SC. Tomo III. n.10. p. 181-185. Out. 1960.

“ameaça à expansão colonizadora”<sup>127</sup>. Uma outra questão que também aparece frequentemente, e representa um entrave para o desenvolvimento, seriam as enchentes <sup>128</sup>, que ocasionam “prejuízos nas lavouras e pontes”<sup>129</sup>.

Enquadrou-se também uma discussão sobre uma determinada cultura ao invés de outra<sup>130</sup>. Neste caso, o debate acerca da cultura do fumo e seus reveses. O artigo traz a tona um discurso que é similar a todas categorias. Neste caso, de análise do meio ambiente, percebeu-se a divisão existente na época, diante das pessoas plantar fumo ao invés de alimentos, além de empobrecer o solo. Enquanto o texto traz argumentos favoráveis, apontam dados econômicos de outras regiões que também produzem. Um registro, é uma exposição blumenauense em Berlin que mostra como eram edificadas as primeiras habitações e os produtos derivados das relações com o meio ambiente selvagem<sup>131</sup>. Sem dúvida, um retrato exótico da vida na colônia, em meio às matas.

O terceiro item, refere-se às culturas praticadas, sendo representado por 12 artigos<sup>132</sup>. Neste grupo de fontes, tem-se, além do destaque dos relatórios da colônia (6), que trazem os números das safras, bem como a estimativa e planejamento de safras posteriores, registros econômicos de outros autores sobre as culturas praticadas no período colonial, e relatos e correspondências de imigrantes (3). Neste caso, referem-se à diminuição no rendimento da produção suína e seus derivados devido a “perda dos inhamais” e “falta de sementes”<sup>133</sup>. O mesmo aconteceu com a produção de “aipim, as batatas inglesas e o taiá”, de maneira que houve “graves prejuízos”. Da mesma forma, a safra de açúcar “não chegava nem à quinta parte

<sup>127</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Bugres e onças. Blumenau/SC. Tomo III. n.1. p. 4. Jan. 1960.

<sup>128</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Problemas da Administração Municipal. As enchentes do Itajaí. Blumenau/SC. Tomo I. n. 2. p. 34. Dez.1957. **BLUMENAU EM CADERNOS**. Efemérides Blumenauenses. As enchentes do Itajaí. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 51. Dez.1957. **BLUMENAU EM CADERNOS**. Relatórios do Dr. Blumenau - 1856. Blumenau/SC. Tomo II. n. 1. p. 2-4. Jan. 1959. **BLUMENAU EM CADERNOS**. SILVA, José Ferreira da. Política de arraial. Blumenau/SC. Tomo II. n. 2. p. 25-28 Fev. 1959. \_\_\_\_\_. Enchentes de Blumenau. Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. p. 18. Jan. 1961. \_\_\_\_\_. Cristiana Deeke Barreto. A grande enchente deste ano. Blumenau/SC. Tomo IV. n.12. p. 230-233. Dez. 1961.

<sup>129</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. SILVA, José Ferreira da. Política de arraial. Blumenau/SC. Tomo II. n. 2. p. 25-28 Fev. 1959.

<sup>130</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. A Bacia do Itajaí e seus problemas econômicos: a cultura do fumo. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 55-56. Jan. 1958

<sup>131</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau/SC. Tomo I. n. 4. p. 80. Fev. 1958

<sup>132</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau em 1857. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 2-3. Nov. 1957. \_\_\_\_\_. Um julgamento acertado. Blumenau/SC. Tomo I. n. 1. p. 16-17. Nov.1957;\_ Efemérides Blumenauenses. As enchentes do Itajaí. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 51. Dez.1957;\_ A Bacia do Itajaí e seus problemas econômicos: a cultura do fumo. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 55-56. Jan. 1958;\_\_\_\_\_. Relatórios do Dr. Blumenau. Quarto Relatório da Colônia Blumenau. Ano de 1853. Blumenau/SC. Tomo I. n. 6. p. 103-108. Abr. 1958;\_\_\_\_\_. Relatórios do Dr. Blumenau - 1856. Blumenau/SC. Tomo II. n. 1. p. 2-4. Jan. 1959;\_\_\_\_\_. SILVA, José Ferreira da. Política de arraial. Blumenau/SC. Tomo II. n. 2. p. 25-28 Fev. 1959;\_ Significativo acontecimento. Blumenau/SC. Tomo III. n.1. p. 12-14. Jan. 1960;\_ Um veterano depõe. Blumenau/SC. Tomo III. n.4. p. 61-68. Fev. 1960; . A “Kulturverein”. Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. p. 15-16. Jan. 1961; . Apontamentos de Júlio Baumgarten. Blumenau/SC. Tomo IV. n.7. p. 121-126. Jul. 1961; . Ano de 1862. Blumenau/SC. Tomo V. N. 4. p. 61-64. Abr. 1962.

<sup>133</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Relatórios do Dr. Blumenau - 1856. Blumenau/SC. Tomo II. n. 1. p. 2-4. Jan. 1959.

daquilo que se podia esperar”<sup>134</sup>. Tal cenário desolador seria uma iminente ameaça ao imigrante e progresso da colônia, assim como, sua própria segurança alimentar e subsistência. Preocupação semelhante inclui o artigo acerca do plantio de fumo, no que se refere à diminuição da produção, sinalizando uma divisão de opiniões acerca do cultivo de tabaco diante de suas consequências ao meio ambiente, isto é, por empobrecimento do solo e contaminação.

Estes entre outros registros concernentes à produção, compõe esse item. A maioria deles, voltados aos aspectos econômicos, relatando seus sucessos e revezes (melhorar esse começo de parágrafo. Também houve menções às tentativas de novas culturas, como da mamona e de “grãos oleaginosos”. Conforme previa Dr. Blumenau, o azeite prometia “tomar vulto na colônia”<sup>135</sup>. Seriam medidas tomadas tanto para comércio assim como para “o gasto da colônia”<sup>136</sup>. Verifica-se uma das iniciativas do fundador da colônia em implementar novas culturas e estimular a industrialização de matérias primas, através da ampliação dos cultivos—, numa tentativa de tornar a colônia um polo produtivo. Possivelmente, a materialização dessa iniciativa de manter a colônia atualizada em termos agrícolas, é a publicação que remete uma das reuniões da Kulturverein<sup>137</sup>, que durante sua existência, a partir de 1857, realizou reuniões periódicas para discutir implementos e inovações de possíveis “potenciais produtivos”, entre outros eventos informativos relacionado à agricultura.

Na última categoria deste período, os artigos elencados expressam alguma preocupação ou precaução com o meio ambiente, assim como a poluição. Inclui-se o texto já mencionado sobre o plantio de fumo<sup>138</sup>. Nesta perspectiva de conservação do meio ambiente, é uma fonte que ao contrário dos relatórios da colônia, é um caso concomitante à época das publicações, em 1958. O artigo sinaliza, antes dos apelos ambientalistas internacionais, uma divisão de opiniões acerca do uso de produtos químicos e a “esterilização do solo”<sup>139</sup>. Por outro lado, a publicação também traz o viés da indústria fumageira, apontando dados econômicos que favorecem o cultivo, tendo em vista a reposição dos nutrientes ao solo a partir de fertilizantes sintéticos.

Também há uma publicação referente ao abastecimento de água e as condições sanitárias de Blumenau<sup>140</sup>, retrata um aumento de doenças em diversas regiões do estado motivado pela falta de saneamento básico e contaminação do lençol freático. Caracteriza-se como uma fonte portadora de um discurso que alude à intenção de Ferreira da Silva em resolver

<sup>134</sup> *Ibid.* p. 4.

<sup>135</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. SILVA, José Ferreira da. Política de arraial. Blumenau/SC. Tomo II. n. 2. p. 25-28 Fev. 1959.

<sup>136</sup>———. Relatórios do Dr. Blumenau. Quarto Relatório da Colônia Blumenau. Ano de 1853. Blumenau/SC. Tomo I. n. 6. p. 103-108. Abr. 1958

<sup>137</sup>———. A “Kulturverein”. Blumenau/SC. Tomo IV. n.1. p. 15-16. Jan. 1961.

<sup>138</sup>———. A Bacia do Itajaí e seus problemas econômicos: a cultura do fumo. Blumenau/SC. Tomo I. n. 3. p. 55-56. Jan. 1958

<sup>139</sup> *Ibid.*, p. 56.

<sup>140</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. ALTHOFF, Rudolf. Abastecimento de água em Blumenau. Blumenau/SC. Tomo I. n. 8. p. 151-152. Jun.-Jul. 1958.

o problema de tifo em Blumenau através de obras no setor, enquanto prefeito. Tal cenário evidenciou este problema socioambiental devido às décadas de más condutas sanitárias que acompanharam o desenvolvimento em Blumenau, negligenciando o meio ambiente. No auge desta relação, a cidade estava com “mais de 60 leitos isolados para tratamento do tifo, que viviam repletos.”<sup>141</sup>. Como desfecho, a publicação traz o abastecimento de água da cidade, concluído em 1941. O sistema seria um dos “melhores do Brasil” com padrões “standardizados”, de “bombas, dosadores e demais máquinas de procedência local”<sup>142</sup>. Esta publicação vêm de encontro com o contexto de modernização e crescimento da cidade, ao passo que promovia-se a indústria local, provedora do maquinário utilizado para a obra.

Seguindo a via da conservação do meio ambiente, um artigo remete a outro momento histórico das condições pelas quais os imigrantes adquiriam seus lotes, sob o compromisso de “(...) manterem, pelo menos, uma quarta parte das matas nativas nos altos das mesmas, para conservação do solo e contínua adução de matéria orgânica”<sup>143</sup>. Demonstra, mais uma vez, uma forma de gestão de um recurso natural, neste caso, através da reciclagem de nutrientes ao usar o solo. E através de manejos, “conservá-lo na mesma e até em maior fertilidade”<sup>144</sup>. Esta seria uma medida que estava ao alcance de ser implementada, numa época em que os recursos físicos e mecânicos eram escassos. Percebe-se através desta publicação a concepção de que, ao conservar parte do meio ambiente natural, estará favorecendo a reciclagem dos nutrientes.

Referente ao manejo feito pelos imigrantes, pouco era realizado para manter a fertilidade das terras. O sistema baseado na técnica rudimentar de derrubada e queima <sup>145</sup>, reduziu densas florestas que se encontravam em seu ápice em “viçosos pastos”<sup>146</sup>, resultando numa redução drástica de biomassa e biodiversidade local.

O processo de supressão vegetativa, diminui a capacidade de absorção das águas pluviais, e conseqüentemente acentua o problema das enxurradas e reduz o volume de água nos cursos de água. Diniz ilustra essa relação de simbiose entre árvores e água.

As árvores nativas, por exemplo, conseguem armazenar no solo até 80% da água da chuva – deixando os rios, indiretamente, mais caudalosos. Além disso, elas evitam a erosão e, assim, que a terra e materiais corram para os rios.<sup>147</sup>

As ações antrópicas contribuíram para maximizar os efeitos das chuvas. Até o momento,

---

<sup>141</sup> Ibid. p. 151.

<sup>142</sup> Ibid. p. 152.

<sup>143</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Dr. Hoehne. Lamentável desaparecimento. Blumenau/SC. Tomo I. n. 6. p. 113-114. Abr. 1958.

<sup>144</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. SILVA, José Ferreira da. Política de arraial. Blumenau/SC. Tomo II. n. 2. p. 25-28. Fev. 1959.

<sup>145</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Relatórios do Dr. Blumenau - 1856. Blumenau/SC. Tomo II. n. 1. p. 2-4. Jan. 1959.; \_\_. Flagrantes da história de Rio do Sul. Blumenau/SC. Tomo III. n.5. p. 87-91. Mai. 1960; \_\_. Apontamentos de Júlio Baumgarten. Blumenau/SC. Tomo IV. n.7. p. 121-126. Jul. 1961.

<sup>146</sup> \_\_. Flagrantes da história de Rio do Sul. Blumenau/SC. Tomo III. n.2. Fev. 1960. p. 27

<sup>147</sup> DINIZ, Isis. Como assim Plantando Águas? **Revista Plantando Águas**. n. 01. p. 19-21. 2014. p. 19.

denotam-se algumas consequências das posturas negligentes diante da má gestão dos recursos naturais, como: doenças, enxurradas, empobrecimento do solo, diminuição no volume dos ribeirões e perigo de extinção de espécies de fauna e flora através do desmatamento e da caça. Os artigos elencados e até aqui apresentados, proporcionam indícios para a percepção de alguns destes problemas socioambientais. Entre algumas concepções e utilidades que nem sempre são lembradas, como no exemplo da natureza como fonte de distração, entre outros registros de algumas das inúmeras interações socioambientais.

Além disso, as publicações também se direcionam à questões ambientais através de depoimentos de distintas esferas sociais, como os relatórios da colônia, jornais, também entre relatos e correspondências imigrantes. Forma-se uma base tanto da época colonial (séc. XIX) quanto do período em questão (década de 1950) para comparar e analisar as relações socioambientais e seus problemas que são registrados no próximo recorte temporal.

### **3 ENTRE PUBLICAÇÕES E DISCURSOS: AS RELAÇÕES SÓCIO AMBIENTAIS NA *REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS* (1980-1984).**

Com base no rol de fontes exposto até o momento, foi possível lançar luz a algumas concepções, usos e olhares do meio ambiente expressados através desta parcela da imprensa blumenauense. De certa forma, registra e transmite algumas destas significações em seus enunciados.

Por fim, pautado numa análise similar, será abordado o recorte temporal que transcorreu à época das preocupações com o meio ambiente, dos protestos ambientalistas, e das Conferências Internacionais. Com isso, num segundo momento, será possível analisar se este contexto “mais verde” refletiu de alguma forma nas publicações e os enunciados transmitidos.

#### **3.1 FUTURO SUSTENTÁVEL À VISTA? ENUNCIADOS AMBIENTAIS PRESENTES NA *REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS* (1980-1984)**

Para seguir adiante, alguns pontos merecem ser destacados para empreender nas análises das fontes neste recorte temporal. Além do próprio contexto no qual as publicações se inserem, no que se refere às preocupações ambientais e questões ecológicas, também pode-se mencionar a mudança na direção do periódico.

Com a morte de Ferreira da Silva (1973), a direção, bem como o corpo editorial da Revista passou a ser composto por participantes que contribuíam enormemente através de artigos, colunas, entre outras publicações para levar a cabo o intento de seu mentor de registrar a história do Vale do Itajaí. Com isso, alguns destes contribuintes divagam acerca de temas específicos e áreas afins.

Ao assumir a Revista, José Gonçalves (1919-2010), jornalista e amigo de Ferreira da Silva, foi também pesquisador enquanto esteve à frente da direção da Fundação Casa Dr. Blumenau e edição da *Revista*, tendo inúmeras contribuições na redação de artigos e colunas do periódico<sup>148</sup>.

Uma das novas colunas inserida neste recorte é o espaço dedicado aos serviços públicos que direciona sua atenção para as questões ambientais do município. A Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau, passou a emitir, periodicamente, enunciados referente à atividade de fiscalização e divulgação de serviços à população. Possivelmente, foi um dos resultados da aproximação entre o setor público e o corpo editorial da Revista.

Identificou-se neste recorte 44 artigos referentes ao tema de estudo no decorrer dos 5 anos de edições da Revista, entre o período de 1980 e 1984. Com isso, obteve-se a seguinte listagem de fontes, apresentada em ordem cronológica e agrupada por suas edições.

*Quadro II – Representações sócioambientais identificadas na Blumenau em Cadernos 1980-1984. Fonte: o autor (2018).*

<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> 1980 O ano Hering. HEUSI, Nemésio. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 1. p. 14. Jan. 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> KILIAN, Frederico. Subsídios à crônica de Blumenau. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 2. p. 34-38. Fev. 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> O antigo almanaque de chás e remédios. LAUTH, Aloisius C. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 4. p. 97-100. Abr. 1980
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Você sabia? KILIAN, Frederico. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 1. p. 91. Jan. 1980
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> A História de Blumenau revela. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 5. p. 124-128. Mai. 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> O Rio Campeão. HEUSI, Nemésio. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 5. P. 139-141. Mai. 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Dia mundial do meio ambiente. Blumenau/SC. TOMO XXI. n.6 p. 168-169. Jun de 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Homenagem a conservacionistas blumenauenses. ESEMAN, Karin. Blumenau/SC. TOMO XXI. n.6 p. 209-210. Jul. 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Você sabia? KILIAN, Frederico. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 10. p. 282-284. Out. 1980
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Intensa Luta pela Proteção à natureza e defesa do Meio Ambiente. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 11-12. p. 327. Nov.-Dez. 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Poluição em Blumenau e seu controle. Blumenau/SC. Tomo XXI. n. 11-12. p. 343-346. Nov.-Dez. 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Blumenau no Simpósio Nacional de Ecologia. Blumenau/SC. Tomo

<sup>148</sup> Cf. dados obtidos através de listagem de autores concedida pelo Arquivo Histórico Municipal de Blumenau José Ferreira da Silva.

XXI. n. 11-12. p. 253. Nov.-Dez. 1980.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Breve aspecto da economia nas Colônias, em diversas fases da história brasileira. GOULART, Maria do Carmo. TOMO XXII. n. 9. p. 260-262. Set. 1981.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Subsídios Históricos. HERKENHOFF, Rosa. Blumenau/SC. Tomo XXII. n. 10. p. 316-317. Out. 1981.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> História romanceada de Blumenau e do seu fundador. HEUSI, Nemésio. Blumenau/SC. TOMO XXII - Ns. 11 e 12 Nov-Dez. 1981.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Subsídios Históricos. HERKENHOFF, Rosa. Blumenau/SC. TOMO XXII. n. 10. p. 341-342. Out. 1981.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> AEMA nas comemorações do dia da Ave/81. MIEHE, Karin. Blumenau/SC. TOMO XXII. n. 10. p. 364-365. Out. 1981.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu... Novembro e Dezembro de 1981. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 1. p. 5 - 8. Jan. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Prefeitura está implantando projeto pioneiro de aproveitamento energético do lixo. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 2. p. 44-45. Fev. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Meio-Ambiente realizou palestras para 5 mil crianças. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 4. p. 128. Abr. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Crônica da Família Baumgärtner. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 8. p. 118-129. Ago. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Blumenauenses prestigiam sua Biblioteca. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 8. p. 225-226. Ago. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA – Esgotos. WHALE, S. C. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 8. p. 229. Ago. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Bela Vista Country Club. GONÇALVES, José. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 10. p. 279. Out. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> AEMA recebeu 25 projetos de Controle da poluição. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 10. p. 288. Out. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu... Outubro 1982. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 11-12. p. 324-325. Nov-Dez. 1982.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Desmatamento na Serra do Itajaí. SILVA, Éder M. BORBA, Cláudio. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 1. P. 9-10. Jan. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu... Dezembro 1982. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 2. P. 51. Fev. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu... Blumenau/SC. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 3. p. 67. Mar. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu... Blumenau/SC. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 3. p. 97-101. Mar. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> O rio Itajaí, Blumenau e as enchentes! BACA, Lauro. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 4. P. 101-102. Abr. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> A vida de Fritz Müller narrada por ele mesmo Blumenau/SC. TOMO

XXIV. n. 5. p. 129-135. Mai. 1983. <b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu... Abril de 1983. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 5. p. 136-137. Mai. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu... Maio de 1983. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 6. p. 169-171. Jun. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Depois da avalanche das águas estamos retornando. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 7-8. p. 174. Jul-Ago. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu... Junho de 1983. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 9. p. 224-226. Set. 1983.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Projeto Nova Blumenau apresenta relatório de 83. Blumenau/SC. TOMO XXV. n. 2. p. 37-40. Fev. 1984. <b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> A História de Blumenau revela: Correspondência de 1860. Blumenau/SC. TOMO XXV. n. 2. p. 59-60. Fev. 1984.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Diário de viagem do imigrante Paul Schwartz. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 5. p. 141-145. Mai. 1984. <b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu.. Mês de Abril de 1984. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 5. p. 158-160. Mai. 1984.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu.. Mês de Maio de 1984. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 6. p. 186-188. Mai. 1984.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> A Colônia de Blumenau na Província de Santa Catarina. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 10. p. 291-295. Out. 1984. <b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 10. p. 306-311. Out. 1984.
<b>BLUMENAU EM CADERNOS.</b> Aconteceu.. Outubro de 1984. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 11-12. p. 361-364. Nov.-Dez. 1984.

Para análise dos artigos, foram estipuladas as mesmas categorias de análise do recorte temporal anterior. Entre as publicações de caráter econômico, que somaram 8 ocorrências, 7<sup>149</sup> delas tratam do período inicial da colonização até início do século XX. Engloba-se fontes de caráter oficial emitidas pela direção da colônia, de correspondências de imigrantes, registros históricos e científicos, e excertos de jornais.

Neste agrupamento, vislumbram-se dados semelhantes ao apontados período anterior, com registros de diversos cultivos, e até mesmo com alguns casos inéditos. Como o artigo que se refere à exportação de tabaco para países europeus através da Cooperativa de Rio dos Cedros<sup>150</sup>, registrada por uma correspondência datada de 1904. Nesta mesma publicação de

<sup>149</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS.** História romanceada de Blumenau e do seu fundador. HEUSI, Nemésio. Blumenau/SC. TOMO XXII - Ns. 11 e 12 Nov-Dez. 1981.; **BLUMENAU EM CADERNOS.** Subsídios Históricos. HERKENHOFF, Rosa. Blumenau/SC. TOMO XXII. n. 10. p. 341-342. Out. 1981.; **BLUMENAU EM CADERNOS.** Aconteceu... Blumenau/SC. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 3. p. 67. Mar. 1983.

<sup>150</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS.** KILIAN, Frederico. Subsídios à crônica de Blumenau. Blumenau/SC.

cunho internacional, também é solicitada amostras de látex de maniçoba para serem testadas para eventual exportação.

Referente ao cultivo de tabaco na região do Vale do Itajaí, o artigo de Maria Goulart<sup>151</sup> reforça este viés, apontando que a produção propagava-se “devido ao consumo de charutos na Europa”<sup>152</sup>, sendo uma cultura bastante reconhecida e difundida entre os agricultores, como também já mencionado no capítulo anterior. O agrônomo Giovanni Rossi alega que o cultivo era favorecido pelo clima da região.

O solo rico de humus e de potássio, o clima quente e úmido e chuvoso permitem obter folhas muito grandes e finas e combustíveis, próprias para a fabricação de charutos (...) certamente que o aperfeiçoamento ao qual está sujeito este ramo agrícola, poderá desencadear para o futuro uma produção de alto nível commercial.<sup>153</sup>

Não muito tempo depois deste diagnóstico, mais uma previsão registrada pelo periódico se concretizaria, Blumenau receberia, posteriormente, um dos maiores complexos industriais do ramo, atuante até os dias de hoje. Outra menção na Revista acerca dos produtos regionais que teve reconhecimento no exterior, encontra-se no artigo que menciona a premiação de Medalha de Bronze, em 1883, em Amsterdam, por uma exposição de café feita na ocasião pela *Kulturverein*<sup>154</sup>. Este seria mais um reconhecimento do trabalho e dedicação dos agricultores da região do Vale do Itajaí e suas matérias primas de qualidade.

Seguindo nesta linha de exportação dos produtos da colônia, observou-se um registro inusitado trazido pela crônica de uma tradicional família de Blumenau<sup>155</sup>. Franz Baumgärtner, um “exímio atirador” que tinha experiência em cortumes de peles, foi contratado por uma empresa da Europa e enviado à Blumenau para caçar animais como “veados, pacas, antas, tatus e aves” e tratá-los quimicamente para serem exportados juntamente com o charque obtido desses animais à Alemanha. Mais uma marca registrada dos produtos exóticos endêmicos da Mata Atlântica. Entretanto, estas seriam mercadorias que seriam comercializadas em menor escala, diferentemente do volume de outros produtos já popularizados como o tabaco. Contudo, é um registro indelével da riqueza da fauna regional.

Outra publicação que remete à riqueza e ao potencial econômico da região, também do século XIX, é um artigo extraído do jornal *A Voz Católica*, de 1886<sup>156</sup>. Um relato de um dos

TOMO XXI. n. 2. p. 34-38. Fev. 1980.; **BLUMENAU EM CADERNOS**

<sup>151</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Breve aspecto da economia nas Colônias, em diversas fases da história brasileira. GOULART. Maria do Carmo. TOMO XXII. n. 9. p. 260-262. Set. 1981

<sup>152</sup> GOULART, 1981, p. 261.

<sup>153</sup> Ibid.

<sup>154</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu... Blumenau/SC. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 3. p. 67. Mar. 1983.

<sup>155</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. LAUTH, Aloisius C. Crônica da Família Baumgärtner. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 8. p. 118-129. Ago. 1982.

<sup>156</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. A Colônia de Blumenau na Província de Santa Catarina. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 10. p. 291-295. Out. 1984.

colonizadores sobre a madeira da região afirma que “A madeira que nos serve para construir é muita e de várias espécies, mas as principais são: cedro, canela negra, canela sassafrás, jacarandá, garuba [*garuva?*], etc. (...) O cedro é entre todas a mais apreciada.” [grifo do autor] <sup>157</sup>. É mencionado ainda, que a madeira era comercializada por uma “sociedade de lenhadores” e transportada pelo rio, com destino à Europa.

No último artigo como Cooperativa de Rio dos Cedros e no diagnóstico de Giovanni Rossi, denotam-se análises a partir de experiências de imigrantes italianos. Ao contrário do primeiro recorte da Revista, que não foi identificado nenhuma atividade envolvendo outros imigrantes que não fossem alemães. Tal diversidade presente nas edições, possivelmente, são decorrentes das mudanças ocorridas na direção do periódico, que trazem à tona diferentes pontos de vista (culturais e regionais) e relatos sobre a colonização e interação com o meio ambiente.

Outras duas publicações que remetem a este período<sup>158</sup>, retratam o desenvolvimento pautado a partir de elementos produtivos que envolvem recursos naturais, culturas e criações. Nestes casos, referentes à 1857 e 1870, respectivamente, destacam-se em comum as culturas da cana-de-açúcar, mandioca, tabaco, a produção de cerveja e extração de argila.

Estabelecimentos agrícolas: 82 engenhos de açúcar (9.500 arrobas), 70 engenhos de farinha de mandioca (12.880 alqueires de farinha), 68 alambiques, (70.200 medidas). Indústrias: Existem 7 olarias, que produziram o total de 350.000 tijolos e 26.000 telhas, 24 serrarias, que preparam 10.100 dúzias de tabuas e 115.000 palmos de madeira de construção. Além dessas há duas cerâmicas, uma fábrica de cerveja. <sup>159</sup>

Além destas similaridades, também identificou-se no artigo datado de 1870, um aumento na produção e na sofisticação dos produtos da colônia, com a introdução da produção de leite e manteiga na colônia<sup>160</sup>.

O último artigo desta categoria, alerta sobre o desmatamento na Serra do Itajaí, feita por Éder da Silva e Cláudio Borba, em 1983<sup>161</sup>. O artigo também é analisado em outras categorias (representações e conservação da natureza). Os autores afirmam que na região “Existem na mata muitas espécies de grande valor econômico e medicinal, de interesse para o futuro”<sup>162</sup>, e que esta é uma consequência direta da falta de gestão dos recursos naturais e do território, promovida pela “exploração madeireira e imobiliária”. Vindo de encontro a essa preocupação, pouco mais de 20 anos depois, foi criada a unidade de conservação do Parque Nacional Serra do

<sup>157</sup> Ibid., p. 294.

<sup>158</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. História romanceada de Blumenau e do seu fundador. HEUSI, Nemésio. Blumenau/SC. TOMO XXII - Ns. 11 e 12 Nov-Dez. 1981.; **BLUMENAU EM CADERNOS**. Subsídios Históricos. HERKENHOFF, Rosa. Blumenau/SC. TOMO XXII. n. 10. p. 341-342. Out. 1981.

<sup>159</sup> HERKENHOFF, Op. cit., p. 342.

<sup>160</sup> Ibid.

<sup>161</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Desmatamento na Serra do Itajaí. SILVA, Éder M. BORBA, Cláudio. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 1. P. 9-10. Jan. 1983.

<sup>162</sup> SILVA; BORBA, Op. Cit., p. 9.

Itajaí, que abrange nove municípios.

Na categoria do meio natural, observou-se 9 ocorrências de análises que trazem olhares e significados para a natureza. Constituídas por fontes bibliográficas de caráter memorial e científico, e relatos de imigrantes. Também ocorreu de artigos remeterem tanto ao período inicial da colonização (5) como no presente das publicações (4). Ao divagar sobre o período mais longínquo, observou-se da mesma forma, no capítulo anterior, menções aos perigos e faturas da natureza. Contudo, há também ponderações quanto à isso. A exemplo encontra-se a publicação de um excerto de correspondência de autor não identificado que retrata o Rio Itajaí, divagando sobre seus perigos e benesses.

Verdade é que o Rio Itajaí-açu às vezes transborda as suas margens e faz alguns estragos mas o mesmo com quasi todos demais rios no Brasil; e os estragos podem se julgar insignificantes em comparação com as grandes vantagens e ricas colheitas que dão anualmente as terras uberríssimas sitas junto às margens do rio.<sup>163</sup>

Possivelmente, esta é uma correspondência emitida pelo próprio Dr. Blumenau, visto que numa ocasião literária, Nemésio Heusi registrou uma fala de Hermann sob o mesmo mesmo viés, com menções a natureza com “muita mata virgem muito viçosa, sinal de que a terra é boa e fértil”<sup>164</sup>, porém, através de uma perspectiva mais “romanceada”.

(...) as calamidades estão em qualquer lugar, são fenômenos da natureza aos quais precisamos nos acostumar, porque eles fazem parte da nossa vida e dos perigos que convivem conosco, diariamente (...) No entanto, o maior período é sem dúvida, de tempo bom e bonança e o rio, naturalmente, volta ao seu leito normal, dando-nos a mais valiosa e econômica via de comunicação para o transporte de tudo que aqui criamos e produzimos.<sup>165</sup>

Outro perigo mencionado pelas publicações, que também é lembrado no primeiro período compilado, remete aos animais ferozes e peçonhentos, além de indígenas. Com destaque para “onça pintada” e a “terrível jararaca”<sup>166</sup>. Também encontram-se outros dois artigos que retratam esta perspectiva da colonização através de correspondências de imigrantes.

Aqui vivemos no meio da natureza, a ti meu avo certamente gostaria de passar aqui. A casa onde moramos é coberta de Palmito e palha é o seu lar. Sem janelas e sem assoalho. A uns 30 passos dela está a mata virgem e mais trinta passos, o rio. É uma delícia passear no meio da mata virgem as mais belas flores, em volta dela o beija-flor esta voando (...) Que passarinhos de cores e formas. Tangerinas, pessegos, mamão e outras frutas para nos deleitarmos.<sup>167</sup>

<sup>163</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. A História de Blumenau revela. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 5. p. 124-128. Mai. 1980. p. 126.

<sup>164</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. O rio campeão. HEUSI, Nemésio. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 5. P. 139-141. Mai. 1980.

<sup>165</sup> *Ibid.*, p. 140.

<sup>166</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Breve aspecto da economia nas Colônias, em diversas fases da história brasileira. GOULART. Maria do Carmo. TOMO XXII. n. 9. p. 260-262. Set. 1981.

<sup>167</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. A História de Blumenau revela: Correspondência de 1860. Blumenau/SC. TOMO XXV. n. 2. p. 59-60. Fev. 1984, p. 59-60.

Ambas ocasiões, apesar do ambiente rústico e simples, denota-se uma relação socioambiental implícita, assim como, as encontradas através de registros de criação de animais. Como a satisfação descrita no artigo que registra o diário de Paul Schwartz, mencionando sua alegria proporcionada pelos “13 pintinhos” e sua “cabritinha”<sup>168</sup>. De uma forma singela, observa-se que esses são pontos retratados que relacionam o bem estar com a aproximação à natureza, e o seu potencial “terapêutico”. Seriam destacados, posteriormente, na Conferência Mundial do Meio Ambiente (1972) e na Constituição do Brasil (1988), que inclui o meio ambiente como um direito a ser preservado, contribuindo para a “sadia qualidade de vida”<sup>169</sup> das pessoas. Esta aproximação, viria de encontro ao saneamento básico adequado, solucionando questões mais urgentes em termos de saúde. Contudo, este é um dos inúmeros direitos que nos são violados de diferentes formas.

Ao relacionar esse recorte temporal mais recente, temos 4 publicações que registram alguns aspectos naturais. Numa delas, também ocorre uma tentativa de aproximação entre sociedade e meio ambiente. O diretor do periódico, José Gonçalves, traria à tona uma reflexão sobre a necessidade da criação de espaços que proporcionassem tal aproximação, através de uma reflexão sobre o clube de campo Bela Vista,

(...) oportunidade de conviverem em ambiente sadio, mais identificados com a própria natureza, em cujas terras fosse possível criar bosques (...) para que todos convivessem com a natureza e entre si, num entrelaçamento de amizade mais humana e fraternal.<sup>170</sup>

Nesse sentido, percebe-se a ênfase que Gonçalves deixa para os leitores do periódico. Como uma necessidade para se desenvolver o bem estar e qualidade de vida, ao passo que visa-se uma relação socioambiental mais harmoniosa. Com isso, registra-se essa manifestação de âmbito regional antes mesmo da Constituição Brasileira aderir a esses valores e direitos, antecipando tais preceitos e sinalizando a um alinhamento com as Conferências Ambientais de 1972 e seus debates. Além disso, outra publicação nesse sentido, é a divulgação de frases de apelos conservacionistas nas rádios locais, “salientando a preservação da fauna e flora” durante as comemorações do “Dia da Ave”, em 1981<sup>171</sup>.

Por fim, nesta categoria enquadram-se ainda 2 artigos que mencionam a importância da vegetação nativa. No primeiro deles, o professor Lauro Bacca menciona as matas e o seu “efeito

<sup>168</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Diário de viagem do imigrante Paul Schwartz. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 5. p. 141-145. Abr. 1984.

<sup>169</sup> BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. p. 123.

<sup>170</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Bela Vista Country Club. GONÇALVES, José. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 10. p. 279. Out. 1982. p. 279-280.

<sup>171</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. AEMA nas comemorações do dia da Ave/81. MIEHE, Karin. Blumenau/SC. TOMO XXII. n. 10. Out. 1981. p. 364.

esponja”, que auxilia na retenção das chuvas<sup>172</sup>. Enquanto o artigo de Silva e Borba, que alerta para o desmatamento desenfreado provocado pela indústria madeireira predatória na região, visto como um “potencial turístico” de “águas límpidas”, fundamental para o abastecimento de água do município.

(...) se não forem tomadas providências imediatas no sentido de frear a devastação desta área, daqui a apenas alguns anos a densa mata que encantou os primeiros alemães que chegaram ao verde Vale do Itajaí permanecerá apenas na lembrança dos que um dia tiveram a satisfação de conhecê-la.<sup>173</sup>

Os autores mencionam ainda os problemas ambientais recorrentes pela atividade como “erosão do solo”, “grandes deslizamentos”, “esterilização do solo” promovida pela lixiviação nos períodos de chuvas, além dos futuros problemas para o “abastecimento de água” da região. Estas seriam algumas publicações bastante pertinentes, tanto no decorrer da época das publicações quanto para os dias atuais, no que se refere a proteção da vegetação nativa e sua utilidade para a sociedade. Nota-se, nesse contexto, um aumento na preocupação com o desmatamento e o meio ambiente de forma geral.

Entre os artigos enquadrados na categoria das culturas praticadas, foram elencadas 9 publicações. Há presença de fontes de característica memorialista de diversos autores (4), além de relatos e correspondências de imigrantes (4), e excertos de jornais (6). Muitas delas relacionam as mesmas cultivares do período anterior, ao registrar as principais produções das safras e a alimentação dos habitantes da colônia, assim como os itens de primeira necessidade.

Destacam-se os cultivos registrados por Frederico Kilian. Ao trazer à tona o registro de um jornal da época, anunciando os valores de alguns itens disponíveis no comércio em 1881 como, milho, fumo, arroz, batata, aipim, açúcar, manteiga, ovos e cachaça<sup>174</sup>. Lauth também faz um registro sobre a ambientação dos alemães e seus hábitos alimentares, “acostumados a uma subsistência à base de cevada, trigo, aveia” tiveram que adaptar-se ao “feijão e toucinho, aipim e milho de açúcar”<sup>175</sup>. Outro registro dessa adaptação que os alemães enfrentaram é feito através da publicação das correspondências de Franz Meyer, afirmando que “O milho vem a ser aqui para nós o nosso centeio”<sup>176</sup>. Entretanto, Franz registra não apenas sua ambientação, mas também suas perdas, como sua plantação de milho, que foi “destruída pela quarta vez” (geada,

<sup>172</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. O rio Itajaí, Blumenau e as enchentes! BACA, Lauro. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 4. P. 102-105. Abr. 1983. p. 103.

<sup>173</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Considerações sobre o desmatamento na Serra do Itajaí. SILVA, Éder M. BORBA, Cláudio. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 1. P. 9-10. Jan. 1983. p. 10.

<sup>174</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Você sabia? KILIAN, Frederico. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 1. p. 90-93. Abr. 1980. p. 91.

<sup>175</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. O antigo almanaque de chás e remédios. LAUTH, Aloisius C. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 4. p. 97-100. Abr. 1980. p. 98.

<sup>176</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 10. p. 306-311. Out. 1984. p. 307.

lagartas, tempestade, enchente)<sup>177</sup>. Sinaliza-se, mais uma vez, que a vida na colônia não era tão simples e assertiva, como alguns relatos da fertilidade do solo anteriormente apontaram.

Relato semelhante também é registrado por Rosa Herkenhoff, ao mencionar a exportação de produtos da colônia. Menciona casos de colonos que precisaram plantar “4, 5 vezes” pelos mesmos motivos, além de lagartas que “tosaram os pastos e o calor e a seca de novembro e dezembro queimaram até mesmo as raízes da grama”, diminuindo a forragem para o gado. Da mesma forma o cultivo do tabaco, “ainda não alcançou o desenvolvimento desejado” como “cana de açúcar e da mandioca”<sup>178</sup>, desvelando assim, os empecilhos enfrentados pelos imigrantes para obter rendimentos através da agricultura.

Registros de cultivares também são encontrados em outras 2 publicações que relacionam as produções do período colonial. Como menciona Heusi, através dos inventários de Hermann Blumenau da primeira década da colonização.

55 engenhos de açúcar e aguardente, 52 de farinha de mandioca, 3 fábricas de cerveja, 2 de vinagre. 6 manufaturas de charutos, 3 olarias e 1 cerâmica de louça, para uma população de 943 habitantes. (...) Existiam 245 cabeças de gado vacum, 37 cavalos, 753 suínos, 1.200 galinhas e patos.<sup>179</sup>

E outro registro de Rosa Herkenhoff, que apresenta excertos traduzidos do jornal *Kolonie-Zeitug*, publicado em março de 1871, que também aludem a essas questões.

Estabelecimentos agrícolas: 82 engenhos de açúcar (9.500 arrobas), 70 engenhos de farinha de mandioca (12.880 alqueires de farinha, 68 alambiques, (70.200 medidas) (...) Indústrias: Existem 7 olarias, (350.000 tijolos e 26.000 telhas), 24 serrarias (10.100 dúzias de tabuas e 115.000 palmos de madeira de construção). Além dessas há duas cerâmicas, uma fábrica de cerveja e 15 engenhos. (...) A pecuária, comparada com o ano de 1869, melhorou consideravelmente, apesar das condições desfavoráveis do tempo, assim como também a fabricação de manteiga e queijo cresceu na mesma proporção.<sup>180</sup>

Nesses artigos, é possível perceber o desenvolvimento econômico da colônia pautado na produção de artigos comercializáveis através dos recursos naturais disponíveis. Entretanto, a publicação da correspondência de Fritz Müller desvela como seria implementada tais produções, evidenciando o etapismo necessário para obter tais resultados.

Já após a primeira colheita de milho foram adquiridas as primeiras galinhas e logo que os inhames cresceram, também os porcos, que como os muitos outros tubérculos saborosos (aipim, cará, batata-doce, etc) e também as verduras européias que aqui crescem muito bem, trouxeram-nos maior variedade na nossa alimentação. Nosso óleo de queimar, extraímos fervendo a semente de ricino.<sup>181</sup>

<sup>177</sup> *Ibid.* p. 311.

<sup>178</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Subsídios Históricos. HERKENHOFF, Rosa. Blumenau/SC. Tomo XXII. n. 10. p. 316-317. Out. 1981. p. 316.

<sup>179</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. História romanceada de Blumenau e do seu fundador. HEUSI, Nemésio. Blumenau/SC. TOMO XXII - Ns. 11 e 12. p. 334-341. Nov-Dez. 1981. p. 336.

<sup>180</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Subsídios históricos. HERKENHOFF, Rosa. Blumenau/SC. TOMO XXII - Ns. 11 e 12. Nov-Dez. 1981. p. 342.

<sup>181</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. A vida de Fritz Müller narrada por ele mesmo Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 5. p. 129-135. Mai. 1983. p. 131.

Ou seja, para se criar animais, também era necessário obter recursos para fornecer de alimento para os mesmo. Para criar galinhas, era necessário ter o milho, para porcos, inhames ou outros tubérculos, da mesma forma para a criação de gado. Além disso, Fritz Müller também registra outro item que auxilia no dia a dia, o óleo extraído através da semente da mamona, espécie bastante comum na região. Tal produto foi observado também no recorte temporal anterior, com a iniciativa de Hermann Blumenau em comercializá-lo na colônia.

Entre os métodos aplicados pelos imigrantes em suas culturas, possivelmente, muitos deles tiveram que adaptar-se à nova realidade e superar alguns percalços naturais inevitáveis, como mencionado no relato de Franz Meyer. Os registros dos imigrantes italianos, da região de Rio dos Cedros, fazem menção ao trabalho cotidiano para o sucesso da lavoura. Bem como os registros de extração de madeiras nobres, como já mencionado na sessão anterior dos aspectos econômicos. Nas correspondências registrou-se a invasão do campo pela “chamada erva do pasto formada por grande quantidade de gramínea que dá ao colono muito trabalho e paciência e cansaço para limpar a lavoura desta praga.”<sup>182</sup>. Tal atividade, provavelmente, exigia tempo e disposição dos imigrantes, que por mais assíduos e dedicados que fossem, jamais estaria concluída. Visto a infinidade de sementes de ervas “invasoras” depositadas no solo por milhares de anos, que, assim que o solo ficasse desprotegido e exposto ao sol, viriam a germinar, tomando conta das lavouras.

A proteção do solo com uma cobertura de matéria orgânica, possibilita a retenção de água, influenciando para o aparecimento da micro vida através da melhora das qualidades “físicas” e “químicas” do solo. Com isso, promove-se a nutrição de sua camada superior, através da reciclagem dos nutrientes, ao passo que previne a lixiviação do solo e diminui a incidência de germinação de sementes “invasoras”<sup>183</sup>.

O último registro referente às culturas, desta vez remete ao presente das publicações (outubro de 1984), trata do incentivo da Secretaria de Agricultura de Blumenau e sua equipe, providenciando serviços veterinários à população e distribuição “840 feixes de ramas de aipim trazidas do município de Barra Velha a 140 proprietários rurais de Blumenau.”<sup>184</sup>. Tal registro, apresenta mais um dado que evidencia a queda de incentivos para a produção e diversidade agrícola, após o período de crescimento e consequente urbanização da cidade.

Verifica-se também o incentivo direcionado aos produtores rurais, sobretudo, de gado, além de incentivar o plantio de mudas de árvores através da doação de espécies nativas. Os

<sup>182</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. A Colônia de Blumenau na Província de Santa Catarina. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 10. p. 291-295. Out. 1984. p. 294.

<sup>183</sup> Cf. CARVALHO, Jimmy; ZANELLA, Fabio; MOTA, José; LIMA, Ana Lúcia. **Cobertura morta do solo no cultivo de alface**. Ciência agrotec., Lavras, v. 29, n. 5, p. 935-939, set./out., 2005. p. 936.

<sup>184</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu.. Outubro de 1984. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 11-12. p. 361-364. Nov.-Dez. 1984. p. 362.

anúncio publicados pela Secretaria de Agricultura do município também enquadram-se nesta última categoria, visam a conservação e fiscalização à degradação ambiental, os quais totalizaram 5 artigos. As publicações aludem à atividades como “doação de mudas” para a comunidade, e de “serviços veterinários” e “maquinários” fornecidos aos produtores rurais, publicados através das colunas “Aconteceu...”<sup>185</sup>.

No último tópico foram elencados 15 publicações que dividem-se entre fiscalizar a poluição do meio ambiente, e publicações que atinam a conscientizar a população para sua preservação. Dentre o agrupamento da fiscalização do meio ambiente, encontram-se 5 artigos que emitem avisos da atuação neste segmento, atuando em defesa da flora e fauna. Como as “fiscalizações de caça e 35 vistorias em loteamentos, queimadas e desmatamentos”, da mesma forma consta a “inspeção a 21 indústrias”<sup>186</sup>. Também encontram-se outras publicações que ressaltam o problema da poluição das águas e a criação de órgãos ambientais. É o caso que é criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), em 1973, e a Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente (FATMA), em 1975. No âmbito regional foi criada Associação Catarinense de Preservação da Natureza (ACAPRENA), também em 1973<sup>187</sup>. Esta publicação também discorre sobre a poluição da água, ocasionada pelos “esgotos sanitários, por efluentes industriais e por lixo, os quais sem qualquer tratamento são jogados nos ribeirões”<sup>188</sup>. A poluição do ar, é oriunda da “combustão dos derivados de petróleo”<sup>189</sup>, seja pelas “indústrias” ou “automóveis”. Como forma de controle, aponta-se as leis municipais “2.047 de 25/11/1974” e o “Código de Posturas, ns. 2.265 de 11/07/1977 e 2.529 de 30/12/1979”, e que está se “desenvolvendo intenso trabalho” visando diminuir os índices de poluição, “Cerca de trezentas atividades potencialmente poluidoras foram cadastradas e são vistoriadas periodicamente pelo Setor de Controle da Poluição”, além de coibir queimadas, e autuar descartes de lixo em locais indevidos<sup>190</sup>.

Em outro comunicado, a AEMA recebeu “25 projetos de empresas” para reduzir a emissão de poluentes<sup>191</sup>. Além de 18 empresas que haviam entregue os “respectivos projetos

<sup>185</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu... Outubro 1982. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 11-12. p. 324-325. Nov.-Dez. 1982.; **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu... Dezembro 1982. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 2. P. 51. Fev. 1983.; **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu... Blumenau/SC. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 3. p. 97-101. Mar. 1983.; **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu.. Mês de Maio de 1984. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 6. p. 186-188. Jun. 1984.; **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu.. Outubro de 1984. Blumenau/SC. Tomo XXV. n. 11-12. p. 361-364. Nov.-Dez. 1984.

<sup>186</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Intensa Luta pela Proteção à natureza e defesa do Meio Ambiente. Blumenau/SC. TOMO XXI. n. 11-12. p. 327. Nov.-Dez. 1980. p. 327.

<sup>187</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Poluição em Blumenau e seu controle. Blumenau/SC. Tomo XXI. n. 11-12. p. 343-346. Nov.-Dez. 1980. p. 344.

<sup>188</sup> Ibid.

<sup>189</sup> Ibid., p. 345.

<sup>190</sup> Ibid., p. 345.

<sup>191</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. AEMA recebeu 25 projetos de Controle da poluição. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 10. p. 288. Out. 1982. p. 288.

para tratamento de poluição nas suas indústrias”<sup>192</sup>. Outro registro aponta uma multa de “400 mil cruzeiros” à empresa “Nossa Senhora da Glória” por ter “despejado no rio cerca de duzentos litros de óleo”<sup>193</sup>. Tais apontamentos fornecem elementos que destacam a atuação do Estado visando mitigar os efeitos da poluição.

Outra perspectiva da poluição das águas é direcionada ao lembrar as práticas do descarte indevido de dejetos sanitários.

As fossas eram originariamente muito primitivas, constavam de um buraco na terra e periodicamente levavam uma pá de cal. Somente na metade da década dos 20s, uma empresa introduziu as fossas sépticas que, entretanto, somente eram acessíveis aos mais abastados (...) Durante a década dos 20s, havia muitas ocorrências de tifo que, na época, supunha-se que se origina da aplicação dos resíduos sólidos nas hortas.<sup>194</sup>

Mais um registro em que, pouco mais de um século atrás, tentava-se, reutilizar ou eliminar esses dejetos, ocasionando na contaminação o meio ambiente, além doenças. Atualmente, sabe-se que os dejetos humanos são portadores de elementos patógenos, sendo necessário um processo para eliminação desses agentes, para então, ser utilizado no solo com segurança. Este processo, constituiu-se na correção de uma das falhas metabólicas geradas pelo sistema de produção e consumo vigente, mediante a utilização do resíduo sanitário, o “processo de compostagem e transformação do resíduo em húmus, através da síntese de microrganismos e consequente higienização do composto”<sup>195</sup>. Enquanto no cenário atual, encontra-se boa parte dos dejetos humanos culmina em poluição ambiental.

Outro artigo semelhante, é a já mencionada denuncia de Silva e Borba ao desmatamento na região da Serra do Itajaí. Os autores criticam o desmatamento predatório, bem como a má gestão dos recursos naturais. Afirmam que “toda esta paisagem vem sendo rapidamente destruída pela exploração madeireira e imobiliária. Constroem-se estradas sem o menor planejamento técnico”, o que resulta num escoamento das “águas mais rápido”, maximizando assim, os efeitos de enxurradas, além da iminente “diminuição dos recursos hídricos” e da “fauna”<sup>196</sup>.

Por fim, a última categoria a ser analisada, concerne às publicações que visam conscientizar sobre preservação o meio ambiente, a fiscalizar a poluição e de divulgar projetos ambientais futuros. Somou-se 7 ocasiões que referenciam memoriais históricos, apontamentos científicos, registros oficiais de eventos comemorativos, e publicações que remetem aos

<sup>192</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu... Maio de 1983. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 6. p. 169-171. Jun. 1983. p. 169.

<sup>193</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Aconteceu... Junho de 1983. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 9. p. 224-226. Set. 1983. p. 224.

<sup>194</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA – Esgotos. WHALE, S. C. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 8. p. 229. Ago. 1982.

<sup>195</sup> PORTO, Luis O. S.; SIMÕES, Luiz G. R.. **Banheiro Seco como solução sanitaria para comunidades em extrema pobreza**: Um estudo de caso de Jardim Gramacho. Rio de Janeiro : UFRJ/Escola Politécnica, 2016. p. 26.

<sup>196</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Desmatamento na Serra do Itajaí. SILVA, Éder M. BORBA, Cláudio. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 1. P. 9-10. Jan. 1983. p. 9.

planejamentos ambientais da prefeitura.

O primeiro deles, Klein “falou sobre a importância da vegetação na proteção do solo e principalmente como meio de controlar as enchentes”<sup>197</sup> num evento promovido entre 2 a 7 de junho, em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente. Ponto também defendido por Lauro Bacca, numa outra oportunidade, com o artigo já mencionado sobre a importância do “efeito esponja” da vegetação <sup>198</sup> . Além disso, a programação contou com palestras de especialistas, a assinatura de o Decreto de Preservação Permanente n. 1.567, que reserva “cerca de 30% da área municipal, região situada ao sul do município, visando principalmente, a proteção dos mananciais de água dos Ribeirões Garcia e Velha”. O evento também destacou os esforços para se preservar o meio ambiente, e “conferiu títulos honoríficos à várias pessoas e entidades blumenauenses, pelo seu empenho no sentido de melhorar a qualidade de vida” <sup>199</sup> na cidade e região.

Outro fato embrado pelo periódico é o Simpósio Nacional do Meio Ambiente, que reuniu especialistas da área, sobretudo, destaca-se as publicações de Alceu Longo. Uma delas trata da "Responsabilidade dos Municípios no Controle dos Problemas Ambientais", enquanto o outro discute a "Conscientização Ecológica e Mobilização Comunitária" e ressalta promover “uma participação efetiva do povo nas decisões que envolvam o destino de seus recursos naturais e de sua qualidade de vida”<sup>200</sup>.

Na tentativa de reforçar o apelo à conservação do meio ambiente, a Secretaria do Meio Ambiente de Blumenau publicou a “realização de 65 palestras” sobre a natureza para crianças, com auxílio audio visual intituladas "Ecologia em Transformação" e "Vamos Estudar o Nosso Meio-Ambiente” durante o mês de março, para mais de 5 mil alunos<sup>201</sup>.

Neste conjunto de fontes, é possível agregar também 2 menções de planejamentos para a cidade com viés ambiental. Como a publicação do Projeto Nova Blumenau e sua campanha, realizada junto a veículos de comunicação com “frases de conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente e proteção à natureza, a importância da reposição da vegetação ciliar”<sup>202</sup>.

Por fim, possivelmente uma das publicações mais ambiciosas, é o projeto da prefeitura de implantar um sistema de reaproveitamento de lixo. Trata-se de um projeto “pioneiro em todo

<sup>197</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Dia mundial do meio ambiente. Blumenau/SC. TOMO XXI. n.6 p. 168-169. Jun de 1980. p. 168.

<sup>198</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. O rio Itajaí, Blumenau e as enchentes! BACA, Lauro. Blumenau/SC. TOMO XXIV. n. 4. P. 101-102. Abr. 1983.

<sup>199</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Homenagem a conservacionistas blumenauenses. ESEMAN, Karin. Blumenau/SC. TOMO XXI. n.6 p. 209-210. Jul. 1980. p. 209.

<sup>200</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau no Simpósio Nacional de Ecologia. Blumenau/SC. Tomo XXI. n. 11-12. p. 253. Ago. 1981. p. 254.

<sup>201</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Meio-Ambiente realizou palestras para 5 mil crianças. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 4. p. 128. Abr. 1982.

<sup>202</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Projeto Nova Blumenau apresenta relatório de 83. Blumenau/SC. TOMO XXV. n. 2. p. 37-40. Fev. 1984. p. 38.

o Brasil” e aproveitará o “gás metano” do aterro sanitário, através da implantação o “maior Biodigestor da América Latina” e da “compostagem artesanal”<sup>203</sup>. Sinaliza uma tentativa de combinar os interesses ambientais à tecnologia. Contudo, não encontrou-se registros da aplicação deste sistema.

### 3.2 O ANTES E O DEPOIS: AS ÊNFASES DOS DISCURSOS E PERSPECTIVAS AMBIENTAIS.

Ao serem apresentados as publicações de ambos os períodos, possibilita-se a análise comparativa dos mesmos, através de seus respectivos grupos. Entre os artigos de caráter econômico, no primeiro recorte temporal, destacou-se a produção e comercialização baseada nos recursos naturais<sup>204</sup>. Enquanto no segundo, além dessa mesma narrativa, enaltece-se também o potencial exportador da colônia, com produtos como tabaco, café, peles de animais silvestres, charque e as madeiras nobres. Também menciona-se o aumento da produção de leite, e manteiga. Notou-se queda na diversidade da produção agrícola com o decorrer do desenvolvimento industrial.

Na categoria das representações da natureza e meio ambiente, retrata-se a abundância do meio ambiente e sua fertilidade, a noção de uma natureza vasta, que proporcionava, inclusive, uma forma de distração, bem como, representações de uma natureza selvagem e perigosa. Enquanto no recorte mais recente, além destas questões, surgem novos olhares e significados para a natureza. Os registros de imigrantes do século XIX, representam suas relações com a natureza através das alegrias, distrações e a contemplação que ela proporciona. Nas publicações mais recentes (década de 1980), aponta-se esta aproximação traduzida pela qualidade de vida que seu ambiente oportuniza.

Tal ponto de vista, é expressado através da divulgação de concursos e apelos conservacionistas que visavam conscientizar a preservação do meio ambiente, bem como na importância de valorizar estes espaços. Evidenciou-se um aumento na preocupação em se atrelar a preservação ambiental à qualidade de vida e sua importância para diminuir impactos ambientais mediante uma relação mais harmoniosa.

Acerca das culturas praticadas, no primeiro período, elencou-se registros que variavam entre os relatórios oficiais, dados da produção agrícola e as tentativas de se implementar novas culturas. Houve também registros das inevitáveis perdas de safras e queixas da produtividade abaixo do esperado. Apresentou-se o debate entre o cultivo do fumo e suas consequências ao meio ambiente. Já no segundo período, registrou-se o incentivo direcionado aos produtores

---

<sup>203</sup> **BLUMENAU EM CADERNOS**. Prefeitura está implantando projeto pioneiro de aproveitamento energético do lixo. Blumenau/SC. TOMO XXIII. n. 2. p. 44-45. Fev. 1982. p. 45.

<sup>204</sup> Cf. Nota 29.

rurais, sobretudo, de gado, além de incentivar o plantio de mudas de árvores e aipim. Evidenciou-se, mais uma vez, a diminuição nas ofertas e nos incentivos de produtos agrícolas locais.

Ambos os períodos demonstraram o mesmo conceito de desenvolvimento econômico, isto é, pautado no domínio de culturas e da produção de matérias primas. Contudo, a correspondência de Fritz Müller detalha o etapismo necessário para se estabelecer tais produções. Ambos os registros inéditos de imigrantes italianos e a menção referente ao exaustivo e interminável trabalho cotidiano, necessário para manter a produtividade do campo.

No segundo recorte temporal, é exemplificado a relação entre passado e presente de Blumenau na categoria agricultura. Os registros do periódico resume-se aos incentivos do cultivo de aipim, e criação de gado, em detrimento de outras inúmeras possibilidades levantadas no período inicial, sobretudo, nos tempos coloniais. Entretanto, também constatou-se as ações da Secretaria de Agricultura, com doação de mudas nativas, serviços de maquinários, podas, e veterinários, contemplando os produtores rurais.

Ao tratar o tópico da degradação, preservação e sua fiscalização, o recorte inicial trouxe o debate acerca da poluição e “esterilização” química ocasionada pelos fertilizantes do tabaco, antes mesmo da popularização do ambientalismo. Remete também à poluição das águas pelas vias doméstica e industrial. Ocasionalmente no surgimento de doenças, como o tifo. Lembra também das condições em que os imigrantes recebiam seu lote, e registra como deveriam conservar parte dos mesmos, para manter a fertilidade através de seu manejo. Mencionam a técnica bastante utilizada na região para “fertilizar” o solo, conhecida como “coivara”. Todavia, na tentativa de limpar o lote para se produzir, eliminava-se toda a vida e microbiota nele existente, resultando numa grande perda da fertilidade a longo prazo, se considerado apenas este método.

No segundo recorte, as publicações destacam a fiscalização da poluição ambiental, e a conscientização da população, combatendo a caça, queimadas e desmatamentos, bem como a inspeção das indústrias e seus poluentes. Encontrou-se também outras publicações que ressaltam o problema da poluição das águas, e a criação de órgãos ambientais. Estas publicações ambientais nos anos 1980, registram sobretudo a preocupação com o ar que respiramos, vêm de encontro às preocupações existentes em cidades que mostravam efeitos significativos sobre o cotidiano e a saúde de cidades como São Paulo, Cidade do México e Santiago, durante os anos de 1960. Fatores poluentes acentuados pela “explosão demográfica”, “intensa e desordenada urbanização”, “concentração industrial sem planejamento e sem padrões de controle de dejetos ou emissões”, “aumento da frota de veículos” e as “grandes quantidades

de lixo e sua incineração”<sup>205</sup>. Mostra-se as adequações que as indústrias estavam sujeitas para se produzir no município.

Ainda na categoria degradação ambiental, registros de denúncias acerca da má gestão do território e seus recursos, ocasionaram a diminuição da vegetação e aumento de enxurradas. Neste ponto, notou-se alguns dos comportamentos nocivos ao meio ambiente que passaram a serem combatidos, conforme as consequências negativas dessas condutas ao meio ambiente ficaram mais evidentes, como a poluição das águas, o desmatamento e seus impactos, conforme a dialética apontada por Worster<sup>206</sup>.

Tais posturas, passam a ser reconhecidas nos planejamentos em fins de 1984, para recompor a mata ciliar, e o aproveitamento energético da reciclagem do lixo orgânico através da biodigestão. Mesmo numa época anterior ao conceito de desenvolvimento sustentável, já anunciava-se as intenções de modernizar a cidade neste setor. Sinaliza, mais uma vez, a iniciativa pioneira da região em termos de tecnologia e modernidade, que, ao menos em seu discurso, assemelha-se ao planejamento da rede de saneamento básico, ocorrido na década de 1940. Aproximou-se, com isso, aos preceitos historiográficos da História Ambiental proferidos por Martins <sup>207</sup>, isto é, “origens e efeitos de políticas ambientais e da cultura” pela conscientização pelo meio ambiente, alguns de seus “saberes, práticas e valores sociais relativos à natureza” entre algumas “idéias” e concepções sobre a natureza e as questões ambientais e alguns casos de degradação ambiental.

Ao fazer um panorama dos problemas ambientais encontrados na região de Blumenau no âmbito nacional, verifica-se alguns entre tantos outros fatos ambientais que urgem serem remediados em nosso país, visando um desenvolvimento mais sustentável a longo prazo. A título de exemplo, aponta-se a baixa adesão e implementação de saneamento básico da região do Vale do Itajaí, bem como do estado catarinense. Descaso com a poluição hídrica é demonstrada nos índices de poluição, cada vez mais evidentes, com regiões com poluição ainda mais graves, como nas baías da Guanabara e Babitonga, e rios, como no caso do Tietê, Pinheiros e Doce.

Neste prisma, além do despejo sanitário sem tratamento, numa escala mais ampla, há também o aumento de lixo plástico nos oceanos ao ponto de formar ilhas de lixo com quilômetros de extensão. Segundo a ONU através de seu secretário-geral, António Gutierres, as partículas de microplástico hoje presentes no oceano “superam as estrelas de nossa galáxia”, e por volta de 2050, os oceanos tenham mais plásticos do que peixes.

No município de Blumenau, também há um passado de mau uso do solo, e sua consequente perda de fertilidade. Fenômeno que também ocorre no âmbito nacional, de

---

<sup>205</sup> DUARTE, 2015, p. 68.

<sup>206</sup> WORSTER, 1991, p. 202.

<sup>207</sup> Cf. Nota 87.

produzir *commodities* com alto custo ambiental e degradação de biomas, como nas regiões de florestas, atlântica e amazônica, e no cerrado. A floresta amazônica, sobretudo, está a cada dia mais próxima de seu limite irreversível de recuperação. Sem mencionar os perigos da mineração entre outras obras na região amazônica, mais do que nunca o agronegócio desmata e avança suas fronteiras em busca de *superávits* comerciais através da pecuária e monocultura. Este processo é promovido, sobretudo, pelo desmatamento, que, juntamente da “entrada do fogo” causa o “ressecamento progressivo”, favorece o surgimento de clima de “savana”, que torna as terras inférteis e leva a desertificação<sup>208</sup>. Outro fato que se repete, assim como ocorreu em Blumenau, por todo o país onde pratica-se a monocultura, é a perda de solo, que escorre para os rios e causa assoreamento. Sem mencionar a contaminação do meio ambiente pelos agroquímicos.

Desertos avançando, rios minguando, poços sumindo, fontes e riachos inutilizados por agrotóxicos, e a biodiversidade se extinguindo. Entretanto, enquanto as super safras compensarem com seus ganhos imediatos e diminuïrem o *déficit* público, este sistema não cessará. Segue-se a busca pelo caminho da superação do modelo convencional de desenvolvimento.

---

<sup>208</sup> NOBRE, Antonio D. **O futuro climático da Amazônia**: relatório de avaliação científica. São José dos Campos, SP: ARA: CCST-INPE: INPA, 2014. p. 27.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto até aqui, no primeiro capítulo, foi possível explanar brevemente o contexto desenvolvimentista que a humanidade adquiriu a partir da revolução industrial, até culminar no auge deste processo, no período do pós-guerra e a iminente crise ambiental. Nesta seção também tentou-se exemplificar como essa tendência foi absorvida pelo país e região, sob os mesmos preceitos de desenvolvimento e industrialização. Devido o desequilíbrio entre as cadeias produtivas e a capacidade dos recursos naturais, cada vez mais escassos, essa relação entre homem e natureza passou a ser questionada.

As demandas ambientais, paulatinamente, passaram a ganhar maior importância nas decisões políticas e sociais das nações. Porém, não sem antes gerar debates polêmicos acalorados entre as nações durante na Conferência Ambiental (1972). De encontro a este movimento ambientalista, ocorreu a criação de órgãos e ONGs na região do Vale do Itajaí, como a FAEMA e ACAPRENA, visando ações de preservação ambiental.

Com base nas análises a partir da conjuntura regional expressadas através da *Revista Blumenau em Cadernos*, percebeu-se como o meio ambiente passou de mero plano de fundo, que servia como medida e escala de desenvolvimento, para adquirir inegável importância para o ser humano. Tal percepção, possivelmente, é fruto dos apelos ambientalistas a favor da natureza, incentivando esses novos olhares e significados.

Através de registros do século XIX, percebeu-se a satisfação, as alegrias e belezas proporcionadas através criação de animais, do cultivo de plantas, da observação silvestre. E como essas características transformaram-se, mais de um século depois, em elementos reconhecidos internacionalmente para se desenvolver a qualidade de vida, e da necessidade da criação de “espaços naturais” e eventos que visem conscientizar a preservação da fauna e flora.

Referente à questão teórico metodológica, a História Ambiental veio a suprir a demanda necessária para se constituir a narrativa dos fenômenos socioambientais. Contudo, diante da amplitude do viés Análise de Discurso, e suas múltiplas possibilidades com outras fontes “*inter*” textuais, não se teve condições de execução de pesquisas externas minuciosas para complementação daquilo que a fonte, muitas vezes, não fala. Por isso, nem sempre foi possível adotar este meticuloso critério pautado em análises de fontes exteriores ao periódico. Contudo, tais olhares possibilitaram refererir-se com mais segurança aos contextos em questão e daqueles por trás dos enunciados, bem como, suas intenções e seu público alvo.

A apresentação dessas fontes e a relação de seus respectivos recortes temporais,

delineiam algumas mudanças nos paradigmas socioambientais. A exemplo, algumas rupturas como os sistemas rudimentares de tratamento de resíduos, e “fertilização” do solo através de queimadas, entre outros comportamentos humanos nocivos à natureza.

Tais publicações representaram um esboço dos contextos e suas perspectivas, desde quando os recursos eram “vastos” e abundantes, praticamente infinitos, diminuindo cada vez mais conforme o “desenvolvimento” avançava. Até compreender que este ritmo não extenderia-se para além da escassez dos recursos. Reflete nas preocupações para manter a qualidade dos recursos hídricos e do ar. Contudo, não se teve a oportunidade de conferir qual foi o método implementado, e os resultados de tal ação fiscalizadora. Além da crítica ao desmatamento, permitiu conhecer parte dos esforços e tentativas de se conscientizar a população através de ações e eventos, apoio que resultou em Decretos instituindo áreas de conservação, além da preservação de matas ciliares.

Percebeu-se inclusive, uma visão de que a modernidade e as tecnologias viriam a livrar o “gargalo” dos limites ambientais suportáveis através de sistemas de filtragem e controle de poluentes, assim como no caso do biodigestor urbano, que supostamente teria a capacidade de gerar energia e composto com o lixo. Buscou-se promover a tecnologia para amenizar os efeitos da poluição no meio ambiente. Porém, não se pode afirmar, que tal medida muda, em algum aspecto, as relações socioambientais. Visto que a relação de consumo e reaproveitamento (reciclagem) e a demanda por combustíveis fósseis é mantida. Desta forma, a instrumentalização da natureza ainda continua, tendo seu valor estimado para atender as necessidades humanas. Entretanto, notou-se algumas contribuições em potencial para inscrever a “consciência ecológica”, acompanhado a tendência mais “verde” do contexto pós Conferência Ambiental (1972).

Desdobramentos deste estudo poderiam ser desenvolvidas no sentido da possibilidade de implantar a cultura agroflorestal nos vales do entorno das áreas de preservação. Na tentativa de resguardar os recursos hídricos, de restituir a biodiversidade e mitigar os efeitos de enxurradas a longo prazo.

## Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.) **O historiador e suas fontes**. 1 ed. São Paulo : Contexto. 2011
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo, Rio de Janeiro : Expressão popular. 3ª edição. 2012. 400p.
- ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. 8.ed.São Paulo : Moderna, 1991.
- AZEVEDO, Nair Rios. **Atmosfera moral da escola**: a promoção do desenvolvimento ético. Rio de Janeiro: e-papers. 2010.
- BARROS, José D´Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes. 2004.
- CAMARGO, Ana Luiza de B. **As dimensões e os desafios do desenvolvimento sustentável**: concepções, entraves e implicações à sociedade humana [dissertação]. UFSC. 2002. 196p.
- CAMARGO. Ana Maria. **A Imprensa periódica como fonte para a História do Brasil**. Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH. Campinas. 1969.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. - Rio de Janeiro: Campus. 1997.
- CARVALHO, Jimmy; ZANELLA, Fabio; MOTA, José; LIMA, Ana Lúcia. **Cobertura morta do solo no cultivo de alface**. Ciência agrotec., Lavras, v. 29, n. 5, p. 935-939, set./out., 2005.
- CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Desenvolvimento e Natureza**: Estudos para uma sociedade sustentável. Recife: INPSO/FUNDAJ. 1994. 242p.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS. 2002.
- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- CRUZ, Heloisa de Faria; CUNHA, Maria do Rosário da Cunha Peixoto. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. Projeto História. n.35. São Paulo. 2007.
- DESCARTES, René. Discurso do método. Tradução J. Guinburg e Bento Prado Jr. In: CIVITA, Victor (ed.). **Os pensadores**: Descartes. São Paulo: Abril Cultural, 1973
- DINIZ, Isis. Como assim Plantando Águas? **Revista Plantando Águas**. n. 01. p. 19-21. 2014.
- DRUMMOND. José Augusto. **A História Ambiental**: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 6.
- DUARTE, Regina H. **História & natureza**. Belo Horizonte. AutênciA, 2015.
- DUARTE, Regina Horta. “Turn to pollute”: poluição atmosférica e modelo de desenvolvimento no “milagre” brasileiro (1967-1973). **Revista Tempo**, Vol. 21, n. 37. 2015.
- FERREIRA, Cristina. **Nas malhas da história: sociabilidade e política no cotidiano dos trabalhadores têxteis de Blumenau (1958-1968)** [tese]. Campinas, SP. 2015.

- FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (orgs.). **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recebentes**. Blumenau : Nova Letra, 2000.
- FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **José Ferreira da Silva: centenário de nascimento**. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 1996.
- FERREIRA, Rodrigo de Souza. **Capitalismo, ciência e natureza: do ideário iluminista do progresso à crise ambiental contemporânea**. [tese]. Viçosa. 2016
- FONSECA, P. C. D. **A revolução de 1930 e a economia brasileira**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 9, Curitiba, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GASPAR, Ricardo C. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 17, n. 33. pp. 265-296., maio 2015.
- GOMES, Angela. **Olhando para dentro: 1930-1964**, vol. 4. Rio de Janeiro : Objetiva. 2013.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era do Capital: 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 3 ed. 1982.
- HOBSBAWN, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- LAGO, Antônio, PÁDUA, José A. **O que é ecologia**. Editora Brasiliense S.A. 1984.
- LEVI, Giovani. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**, v.20. 2014.
- LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Trad. Eduardo A. de Soveral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.1999.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Campos do atraso, campos modernos: discursos da Extensão Rural em Santa Catarina (1956-1975)** [dissertação]. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUTZENBEGER, J.A. O absurdo da Agricultura. **Estudos Avançados**, 15 (43). 2001. p. 61-74.
- MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, n. 27, p. 389-481, 1965.
- MARTINS, Marcos Lobato. **História e meio ambiente**. São Paulo: Annablume. Faculdades Pedro Leopoldo. 2007.
- MATTEDI, Marcos A. Notas sobre as visões de natureza em Blumenau. **Revista de estudos ambientais, Blumenau**, v.3, n.1, 29-39. jan/abr, 2001.
- MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Laurence; [tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira]. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. 568p.
- MEADOWS, Dennis L., MEADOWS, Donella H., RANDERS, Jörgen, BEHRENS, WILLIAM W. Limites do crescimento um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade. São Paulo, Perspectiva. 1972.

NOBRE, Antonio D. **O futuro climático da Amazônia**: relatório de avaliação científica. São José dos Campos, SP: ARA: CCST-INPE: INPA, 2014.

NODARI, Eunice Sueli. As florestas do sul do Brasil: entre discursos de preservação e ações de devastação. In: FRANCO, José L. A. (org) **História Ambiental**: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Ed. Garamond. 2015.

PÁDUA, José A. Antropoceno 3.0. **Página 22**. Out/nov. 2016. p. 9. [visitado em 27 jun. 2018]. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/pagina22/article/viewFile/64616/62495>>.

PÁDUA, José A. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, n. 24, v. 68, 2010.

PESSOA, Flávia Moreira Guimarães ; BARRETO, P. C. . Éticas Ambientais, sustentabilidade e o direito do meio ambiente. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFBA**. v. 25. p. 217-243, 2015.

PORTO, Luis O. S.; SIMÕES, Luiz G. R.. **Banheiro Seco como solução sanitária para comunidades em extrema pobreza**: Um estudo de caso de Jardim Gramacho. Rio de Janeiro : UFRJ/Escola Politécnica, 2016.

REIS, Raquel. **Descolonizar e Desenvolver**: leituras e olhares a partir de uma perspectiva intercultural [dissertação]. Blumenau. 2010.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1950**. São Paulo. 3 ed. 2010

SACHS, Ignacy. Desenvolvimento numa economia mundial liberalizada e globalizante: um desafio impossível? **Estudos Avançados**. n. 11. 1997.

SANTOS, Dominique V. C. dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**. Ano 3, N.6, dez/2011. p. 27-53. Universidade Federal de Goiás. 2001.

SANTOS, Manoel Pereira Rego Teixeira dos. **O imigrante e a Floresta** [tese]: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí- SC. Florianópolis, 2011. 218 p.

SCHMITT, Darlan Jevaer. **Blumenau em Cadernos e José Ferreira da Silva**: passado e presente para o Vale do Itajaí – Santa Catarina (1957-1973) [dissertação]. Florianópolis : UDESC. 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo

SILVA, Carla F. **Grafias da Luz**: A Narrativa Visual sobre a cidade na Revista Blumenau em Cadernos [dissertação]. Florianópolis : UFSC. 2008.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Trad. Alexandre Amaral Rodrigues e Eunice Ostrensky, São Paulo: Martins Fontes, 1a ed., 2003.

SOSA, Derocina Alves Campos. **A História Política do Brasil (1930 -1946) sob a ótica da imprensa gaúcha** [tese]. Porto Alegre. 2005.

THEIS, Ivo M.; MATTEDI, Marcos A; TOMIO, Fabrício R. L. (orgs.) **Novos olhares sobre Blumenau**: Contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente. Blumenau : Edifurb, 2000.

THEIS, Ivo M; MATTEDI, Marcos A.; TOMIO, Fabricio R. L. (orgs.) **Nosso passado (In)Comum**: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau. Blumenau : Edifurb : Ed. Cultura em Movimento, 2000.

VIDOR, Vilmar. **Indústria e urbanização no nordeste de Santa Catarina**. Blumenau: e da FURB, 1995.

WAIBEL, Leo. Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Ano XI, nº2. 1949. p.181-183.

WILLIAMS WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 240p.

WORSTER et al. 1990. A round table: environmental history. **The Journal of American History**, vol. 76, n.4. p. 1087-1147.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. Tradução de José Augusto Drummond. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991.